



PPGL
Programa de Pós-Graduação
em Letras

LAERCIO FERNANDES DOS SANTOS

**INVASÃO CULTURAL:
UMA EXPERIÊNCIA DE VOCALIZAÇÃO DO TEXTO POÉTICO**

PASSO FUNDO

2020



PPGL

Programa de Pós-Graduação
em Letras

LAERCIO FERNANDES DOS SANTOS

**INVASÃO CULTURAL:
UMA EXPERIÊNCIA DE VOCALIZAÇÃO DO TEXTO POÉTICO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras na Linha de Pesquisa Constituição e interpretação do texto e do discurso, sob orientação da Profa. Dra. Marlete Sandra Diedrich.

Passo Fundo

2020

AGRADECIMENTOS

Às pessoas que nominarei a seguir são por eu acreditar que a vivência na linguagem acontece muito antes, através de vivências na linguagem anteriores, pois ela vai se constituindo a partir de dizeres do outro: ao meu pai Otávio Fernandes dos Santos, à minha primeira professora Salete Lazaretti e à minha Orientadora Marlete Sandra Diedrich.

À minha Orientadora Marlete Sandra Diedrich por despertar através de experiências anteriores a possibilidade de unir a tríade: Língua, Poética e Ensino e por dar vida teórica a um projeto de vocalização.

À banca de qualificação e defesa, Professora Dra. Patrícia Valério, por ter a sensibilidade da alma em sugerir complementação para o enriquecimento do trabalho; e Professora Dra. Aline Junchem, por tamanha contribuição à minha pesquisa, pois quando encontrei seu trabalho, foi como encontrar o tesouro no mar.

À minha irmã Meridiana dos Santos, por me suportar em alguns momentos em que me via perdido.

À minha sobrinha e afilhada Isadora dos Santos Anunciação, por ajudar em tarefas que exigiam mais do tempo que eu tinha.

À minha família em geral por entenderem a ausência: minha irmã Rosangela Fernandes dos Santos, meu irmão Dilson Fernandes dos Santos e meus sobrinhos(as).

Ao meu sobrinho Francisco dos Santos Camargo, por, muitas vezes, dar sentido ao estudo da linguagem. Ao meu grande amigo-irmão pelas reflexões linguísticas, por compartilhar este momento e muitos outros na minha vida e por ter se dedicado a traduzir o resumo da pesquisa, Wenderson Phelipe da Silva Santana.

Ao meu pai e minha mãe por me darem a vida e entenderem que em muitos momentos faltei com a atenção a eles.

Aos meus alunos, razão pela qual instauo nas escolas por onde passo o Projeto Invasão Cultural e por fornecerem o corpus da pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras, por permitir, através dos professores, o meu crescimento intelectual.

À Universidade de Passo Fundo e a CAPES, por proporcionar a realização de um sonho através da pesquisa.

À direção do Instituto Estadual Cecy Leite Costa, por incentivar e organizar o horário, permitindo que eu pudesse conciliar estudo e trabalho.

Aos meus muitos amigos pelo apoio e incentivo nos momentos de estudo e dedicação.

A Deus por me dar vida e saúde para vencer mais esse desafio na vida.

A linguagem é para o homem um meio, na verdade, o único meio de atingir o outro homem, de lhe transmitir e de receber dele uma mensagem. Consequentemente, a linguagem exige e pressupõe o outro. A partir deste momento, a sociedade é dada com a linguagem. Por sua vez, a sociedade só se sustenta pelo uso comum de signos de comunicação. A partir deste momento, a linguagem é dada com a sociedade. Assim, cada uma destas duas entidades, linguagem e sociedade, implica a outra. (BENVENISTE, 1989. p. 93)

RESUMO

O tema central desta investigação é a experiência de vocalização do texto poético escrito no Projeto Invasão Cultural, uma experiência na linguagem. Trata-se de uma reflexão derivada do princípio benvenistiano segundo o qual *a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno*. A menção à forma sonora motiva o seguinte questionamento: o que revelam os dizeres dos estudantes sobre sua experiência de vocalização do texto poético, uma experiência na linguagem, vivenciada no Projeto Invasão Cultural? Para responder a esse questionamento, a investigação se pauta nas seguintes relações enunciativas: a) falante-língua, b) falante-língua na manifestação poética, e c) falante-outro. O trabalho encontra sua explicação na adoção de uma perspectiva de leitura da obra benvenistianiana, centrada na busca pela elucidação dos conceitos e princípios definidores da enunciação como experiência do homem na linguagem. Além disso, a pesquisa busca suporte em trabalhos desenvolvidos recentemente acerca do aspecto vocal, destacando-se, entre eles, a concepção de *arranjo vocal*, de Diedrich (2015); e de *vocalização*, segundo Juchem (2017), trabalhos centrados na noção de aspecto vocal como um dos aspectos da enunciação. A pesquisa se ancora na ideia de que, no ato de vocalização do texto poético escrito, o locutor se apropria do escrito e assume, via arranjos vocais particulares, o papel de sujeito, efetuando-se, assim, a *re-novação* do discurso. Nesse ato de apropriação, o locutor, via arranjos vocais particulares, ocupa seu espaço de dizer e implanta o outro diante de si. Essa relação do falante- língua, falante-língua na manifestação poética, e falante-outro revela a atualização da significação e suscita, ao lado de uma estrutura material, uma estrutura imaterial, a comunicação de significados, substituindo os acontecimentos ou as experiências pela sua *evocação*. O objetivo é refletir, a partir da análise dos dizeres dos estudantes protagonistas do ato enunciativo sobre a experiência de vocalização do texto poético vivenciada no Projeto Invasão Cultural, uma experiência de ensino de língua. Sendo assim, trata-se de um estudo centrado na noção de enunciação, mas que se volta para o grande campo da linguagem, para a experiência do homem na linguagem via relação de significação mobilizada na vocalização do poético. A investigação se justifica a partir de dois elementos norteadores: o primeiro deles está diretamente ligado à prática pedagógica do pesquisador, a qual se marca por um trabalho com a língua em sua manifestação poética via vocalização; o segundo diz respeito à possibilidade

de se pensar a relação entre o ensino de língua e literatura a partir de um olhar pautado por uma abordagem enunciativa. Para tanto, analisam-se enunciações derivadas do *Projeto Invasão Cultural (Passo Fundo – RS)*. O referido projeto se caracteriza pela realização de performances de estudantes da Educação Básica que, seguindo orientações do professor, se apropriam de textos poéticos escritos via vocalizações particulares frente a um determinado público. Dessa forma, a pesquisa encontra sua dupla importância: revela-se potencial para a ampliação e aprofundamento dos estudos em torno das noções teóricas propostas; apresenta-se como possibilidade de qualificação do trabalho com o ensino de língua e literatura na escola. Os resultados alcançados indicam que a experiência de vocalização do texto poético evoca sentidos particulares vivenciados na historicidade do sujeito na linguagem e exerce importante papel na constituição do estudante nas aulas de língua e literatura.

Palavras-chave: Vocalização do Poético; Invasão; Arranjos Particulares.

ABSTRACT

The core of this investigation is the experience of vocalizing written poetic texts within a language experience project entitled *Invasão Cultural*. It is a reflection derived from the Benvenistian principle according to which *language is performed in an instance of discourse, that emanates from a speaker, a sound form that reaches a listener and brings about another enunciation in return*. The mention of the sound form motivates the following question: What do students say about their experience of vocalizing the poetic text, a language experience undergone in the *Invasão Cultural* Project? To answer this question, the present investigation is based on the following enunciative relationships: a) speaker to language, b) speaker to language in the poetic instance, and c) speaker to someone else. The study finds its justification in the adoption of Benveniste's work perspective, centered in the search for the elucidation of the concepts and principles that define enunciation as the experience of mankind with language. In addition, this research is supported by recently developed studies on the vocal aspect of language, among which is the concept of *vocal arrangement*, by Diedrich (2015); and *vocalization* by Juchem (2017), works that are focused on the notion of voicing as one of the aspects of enunciation. The research is anchored in the idea that, in the act of vocalizing poetry, the speaker takes ownership of the text and assumes, through particular vocal arrangements, the role of a subject, thus renovating the discourse. By using special vocal arrangements in this act of appropriation, the speaker takes over the place of saying and introjects another one before himself. These relationships of a speaker to language, a speaker to language in the poetic instance, and a speaker to someone else reveal the updating of meaning, and raises, alongside a material structure, an immaterial structure, the communication of meanings, replacing events or experiences by their *evocation*. The aim here is to reflect on the analysis of statements of the students who were protagonists in such enunciative acts about their experience in vocalizing poetic texts within the *Invasão cultural* project, a language-learning experience. Thus, this study is focused on the notion of enunciation, but it turns to the great field of language, and the experience of mankind with language by the relation of meanings that impel from poetry vocalization. The investigation is justified by two guiding elements: the first is directly linked to the researcher's pedagogical practice, which is marked by the work with language in its poetic manifestation via vocalization; the second concerns the possibility of conceiving the teaching of language and

literature through an enunciative approach. To this end, the statements extracted from The *Invasão Cultural* Project (Passo Fundo - RS) are hereby analyzed. The aforementioned project is characterized by the performance of High School students who, following their teacher's guidance, take ownership of written poetic texts by particular vocalizations before a certain audience. In this way, this research finds its double importance: it potentially deepens and expands studies around the proposed theoretical notions; and it presents itself as a possibility of qualifying the teaching of language and literature at school. The results achieved indicate that the experience of vocalizing poetry elicits particular meanings experienced in the historicity of the subject with their language and plays an important role in the constitution of students in language and literature classes.

Keywords: Poetry Vocalization; Cultural Intrusion; Particular Vocal Arrangements.

SUMÁRIO

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 9 |
| 2 ENUNCIÇÃO EM BENVENISTE: FUNDAMENTOS TEÓRICOS QUE AMPARAM A PESQUISA | 19 |
| 2.1 A ENUNCIÇÃO EM BENVENISTE E OS PRINCÍPIOS ENUNCIATIVOS | 19 |
| 2.2 ASPECTO VOCAL..... | 30 |
| 2.3 VOCALIZAÇÃO | 35 |
| 3 FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS: A VIVÊNCIA DO POÉTICO | 41 |
| 3.1 O POÉTICO E SUA VOCALIZAÇÃO | 41 |
| 3.2 PROJETO INVASÃO CULTURAL – A AÇÃO PEDAGÓGICA EM MEIO À PESQUISA..... | 44 |
| 3.2.1 Tema | 44 |
| 3.2.2 Objetivos..... | 45 |
| 3.2.3 Escola e Turma | 45 |
| 3.2.4 Período de realização..... | 46 |
| 3.2.5 Histórico do Projeto..... | 47 |
| 3.2.6 Etapas do Projeto | 48 |
| 4 A VOCALIZAÇÃO DO TEXTO POÉTICO: ANÁLISE DOS DIZERES DE QUEM VIVEU A EXPERIÊNCIA | 54 |
| 4.1 A RELAÇÃO DE SENTIDO ESTABELECIDADA ENTRE FALANTE-LÍNGUA..... | 60 |
| 4.2 FALANTE-LÍNGUA NA MANIFESTAÇÃO POÉTICA | 65 |
| 4.3 RELAÇÃO FALANTE-OUTRO | 69 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 72 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 77 |

1 INTRODUÇÃO

Minhas¹ motivações iniciais, para este estudo, dividem-se em alguns eixos norteadores. Preciso falar de algo que está intrínseco no mais íntimo, como essência humana na linguagem, despertado muito cedo e que talvez me fizesse trilhar alguns caminhos redesenhados e reafirmados ao longo da vida. O começo de uma trajetória reflexiva poética e linguística se deu a partir dos cinco anos de vida. Desde muito cedo, tinha o sonho de ser professor e acreditava nisso como algo incontestável e imutável. Aquilo estava claro como um relâmpago num dia de tempestade. Vivia numa casa de chão, e mesmo meu pai não decodificando o sistema da escrita, nunca deixou de contar histórias, talvez inventadas por ele mesmo, ou trazidas de textos ancorados no folclore regional e nacional. À noite, ao redor de um fogão à lenha, chamado “jeep”. A casa era de chão. Nessas noites o lampião de querosene estava ligado para alumiar o momento vivido. A concentração era tanta e iam brotando palavras da boca de um sábio senhor. Isso jamais esquecerei, e como era bom. Aos oito anos ingressei na escola. Uma escola interiorana, que alegria era estar ali, sentado na primeira fileira, ainda mais para ouvir histórias contadas pela professora Salete Lazzaretti. Ela vocalizava, sem livros nas mãos, mas aquilo era tão realizador que até hoje os textos permanecem vivos. Talvez a professora Salete não tivesse tanta formação acadêmica, quanto se tem hoje, mas ela era mestre na contação. Dessa forma, desenhava-se um sonho desse parâmetro de mestre, de educador na mente que não poderia ser diferente. As palavras proferidas da boca daquela mestra vinham carregadas de sentido que alimentava o mundo interior, idealizado e utópico, com isso, brotava o desejo de ser professor. Para isso, eu deveria ter os exemplos dos mestres, que com sua voz prendiam seus alunos, contando histórias e ensinando o caminho da vida afora. Não obstante, tive a oportunidade de conhecer também o pai da professora Salete, um senhor que, como professor, era respeitado na comunidade em que vivia, como um exemplo de pessoa era seguido, inclusive na forma da linguagem que usava. A partir desses exemplos, pensei que para ser professor deveria usar a linguagem “correta”², como esse professor. Quando cresci e vi muitos professores que

¹ Usamos a primeira pessoa do singular, neste momento introdutório, por se tratar de um registro de cunho pessoal. Ainda no decorrer da Introdução, ao término deste registro, passamos a adotar a primeira pessoa do plural em nossa redação.

² A expressão linguagem “correta” na época era entendida como a que se encaixava na linguagem normatizada pela gramática, porém hoje entendo que não há linguagem errada, segundo a sociolinguística, o que existe são variantes linguísticas e todas as variantes devem ser respeitadas.

passaram pela minha vida: Saletes, Sônias, Claudetes, Valdir, Marletes, Lucianes, Neusas, Gaston, Hercílios e Ivânias, tentava me espelhar neles, traçando um perfil linguístico, metodológico e moral para uma profissão.

Outro eixo que também motivou o desenvolvimento desta pesquisa, cujo fundamento é uma experiência na vocalização do texto poético, veio por ser admirador do estudo linguístico, conhecido ainda na graduação através das aulas de Linguística do Curso de Letras. Mais tarde, o envolvimento continuou com o surgimento de um projeto do Governo Federal, em 2010, intitulado Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), do qual participei como Professor Supervisor Capes/UPF, no período de 2010 a 2016. Nesse projeto, coordenado pela Professora Dra. Marlete Sandra Diedrich, num determinado encontro, estudávamos o texto *A gramática escolar no contexto do uso linguístico*, de Maria de Moura Neves (2002), o qual apresentava a possibilidade de unir poética e linguística, numa investigação translinguística³. Isso me despertou o desejo de desenvolver esse tema, caso, algum dia, viesse a fazer Mestrado.

O desafio chegou, ingressando na seleção e sendo aprovado. Ainda mais, tornou-se justificável o tema, quando numa das cadeiras cursadas no primeiro semestre do Mestrado, na Disciplina de Níveis de Análise Linguística, fomos apresentados a Roman Jakobson, por meio de um texto intitulado *Linguística e Poética*. Assim, comecei a perceber que havia muita afinidade com o pensamento desse autor e o meu pensamento, enquanto amante do ensino de língua e literatura. Nesse sentido, amparado na teoria de Jakobson, pude perceber que o estudo da poética pode abrir possibilidades também para um trabalho com o ensino de língua: um ensino amplo de linguagem efetiva, pois “a linguagem deve ser estudada em toda a variedade de suas funções. Antes de discutir a função poética, devemos definir-lhe o lugar entre outras funções da linguagem. [...] é mister uma perspectiva sumária dos fatores constitutivos de todo processo linguístico, de todo o ato de comunicação verbal [...]” (JAKOBSON, 2007, p.122). A justificativa edificava-se ainda mais para um estudo aprofundado da questão.

É sabido que a vivência do poético pode influenciar e principiar a experiência artística e literária, pois ela tem potência para atingir a alma e os sentimentos mais profundos das

³ Benveniste (1989, p. 67) refere-se à translinguística como a ultrapassagem da relação da estrutura e o funcionamento da língua, que se daria através da elaboração da análise dos textos, construída sobre a semântica da enunciação. Além disso, vemos “o prefixo “trans” como veiculador do sentido de “através”: através da Linguística, chegamos à análise de realidades tradicionalmente concebidas como exteriores ao universo de estudos linguísticos” (DIEDRICH, 2015, p.72-73).

pessoas, por isso, torna-se um recurso imprescindível para uma boa aula e para enfatizar a função que tem a literatura na vida do ser humano: “[...] uma imagem paronomástica do sujeito amante envolvido pelo objeto amado. A função poética secundária deste chamariz eleitoral reforça-lhe a impressividade e a eficácia” (JAKOBSON, 2007, p.129). A partir das afirmações do autor, vemos no trabalho com o texto poético um amparo para o ensino. Aliada a isso, surge outra questão: que o professor de sala de aula precisa amar aquilo que faz e levar a arte da palavra e sensibilizar os alunos: “[...] o estudo linguístico da função poética deve ultrapassar os limites da poesia” (JAKOBSON, 2007, p.129). A poesia ultrapassa, transcende a questão linguística. E, assim, entendemos ser possível propor uma ruptura no que comumente se vê nas aulas de língua na escola. Tal ruptura é proposta neste trabalho em formato de uma pesquisa aplicada que se volta para uma ação pedagógica já realizada. É importante registrar que a concepção inicial do trabalho envolvia uma pesquisa-ação, a qual precisou ser adaptada em função da situação de excepcionalidade vivenciada em decorrência da necessidade de distanciamento social provocado pela ameaça de contágio do novo Coronavírus⁴. Assim, a concepção inicial deste trabalho sofreu adaptações e passou a assumir seu lugar no escopo das pesquisas explicativas, com formato de pesquisa *Ex-post-facto*. Isso porque se volta para a prática pedagógica com a intenção de realizar uma investigação que possa não apenas registrar, analisar, classificar e interpretar o fenômeno estudado, mas que possa, principalmente, identificar seus fatores determinantes. Segundo Prodanov e Freitas (2013), esse tipo de pesquisa é o que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas acontecerem de determinada forma.

Assim, este é um trabalho que alia a teoria à prática. Neste caso, o fenômeno ao qual a pesquisa se volta tem como protagonistas os estudantes do Ensino Médio, havendo a interferência teórica e metodológica do professor-pesquisador.

O uso dessa metodologia de pesquisa representa o envolvimento de cunho social, envolve um coletivo, pois está ligada a uma ação já realizada no ambiente escolar e a resolução de um problema de uma comunidade. Neste caso, a descrição e a explicação gerada pela investigação contribuem tanto para o campo científico como repercutem na ação pedagógica, porque a pesquisa alia a teoria à prática de ensino.

⁴ Passamos por uma pandemia bem no início de 2020, por isso o vírus fez com que interrompêssemos nossas atividades presenciais. Era exigido um distanciamento social, assim obrigou-se o fechamento do comércio e as pessoas foram obrigadas a usarem máscaras o tempo todo. Esse vírus infectou mais de 6 milhões de brasileiros e aproximadamente 200 mil pessoas perderam a vida. Não havia remédio para a cura, muito menos vacina capaz de deter o vírus. Inclusive essa pesquisa foi desenvolvida nesse período.

Assim, voltamo-nos para um trabalho pedagógico de ensino de língua que se desenvolve com o texto poético, mais precisamente, um trabalho que se desenvolve a partir da vocalização do texto poético escrito. Durante todo o desenvolvimento do trabalho, buscamos responder nossa questão problema: O que revelam os dizeres dos estudantes sobre sua experiência de vocalização do texto poético, uma experiência na linguagem, vivenciada no Projeto Invasão Cultural? Partimos de algumas hipóteses que norteiam o processo de investigação:

- A sensibilização para a vivência do texto poético se dá por via da emissão e percepção vocal na enunciação.
- O locutor, ao se apropriar do texto poético escrito, faz a passagem de locutor a sujeito no ato da vocalização e isso constitui uma experiência de vocalização do poético.
- O estudante protagonista desta experiência revela em seu dizer um saber constituído acerca da sua própria experiência na e pela linguagem, o qual revela relações entre o eu e a língua, o eu e a manifestação poética da língua, o eu e o tu.
- Novos caminhos de trabalho com o ensino de língua aparecem através da proposta de vocalização do texto poético num encontro da prática docente e a pesquisa à luz de pressupostos enunciativos benvenistianos.

Em nossa investigação, o objetivo geral é: **refletir, a partir da análise dos dizeres dos estudantes protagonistas do ato enunciativo, sobre a experiência de vocalização do texto poético vivenciada no Projeto Invasão Cultural, uma experiência na linguagem.**

Na tentativa de atingir o objetivo geral, a pesquisa tem seus objetivos específicos delineados da seguinte forma:

- Descrever os elementos discursivos que concorrem para a sensibilização da vivência do texto poético via emissão e percepção enunciativa e formas e sentidos da língua.
- Analisar a passagem de locutor a sujeito da enunciação no ato de apropriação do texto poético escrito por meio da vocalização deste texto.
- Analisar o discurso do estudante protagonista do ato de vocalização do texto poético acerca de sua experiência enunciativa vivenciada neste ato.
- Traçar novos caminhos de trabalhos com o ensino de língua a partir da vocalização do texto poético num encontro da prática docente e a pesquisa à luz de pressupostos enunciativos benvenistianos.

Assim, olhamos para o ensino da língua materna com uma perspectiva de construção de historicidades na e pela linguagem, o que certamente não ocorre num ensino mecanizado que se esquece do ser humano histórico que ocupa o espaço escolar. Para tanto, o trabalho escolar com a linguagem precisa proporcionar experiências significantes, “uma vez que os dados de experiência *na* e *pela* linguagem só são aprendidos pela capacidade simbólica humana” (SILVA, 2016, p. 18). O ensino possibilita a vivência dessa experiência.

Mas é necessário lembrar que nosso olhar de pesquisa recai sobre os dizeres dos estudantes protagonistas do ato enunciativo e o que esses dizeres revelam sobre sua experiência de vocalização do texto poético, concebida como uma experiência na linguagem. Isso porque entendemos que a experiência de vocalização do texto poético, mobilizadora de sentidos particulares, só pode ser acessada por meio de um comentário (FLORES, 2015) sobre tal experiência.

Para entendermos o Projeto Invasão Cultural, é mister que esclareçamos, em linhas gerais. Esse representa a percepção, de um olhar de professor-pesquisador, da necessidade de melhorar sua prática pedagógica no ensino da língua e literatura. Percebemos que a essência na linguagem está diretamente ligada à experiência de significação, por isso sempre trilhamos um trabalho de admiração do poético na vida profissional, em sala de aula, ao longo de muitos anos e, por isso, acreditamos que o professor possa assumir o papel de pesquisador, tendo em mãos a experiência vivenciada na e pela linguagem, através da vocalização do texto poético escrito, no ensino de língua materna e literatura. O referido projeto se caracteriza pela realização de um trabalho voltado para a leitura de textos poéticos com a culminância de performances vocais dos estudantes da Educação Básica envolvidos, os quais, seguindo orientações do professor, se apropriam de textos poéticos escritos via vocalizações particulares, frente a um determinado público. O Projeto Invasão Cultural foi desenvolvido entre os anos de 2015 a 2019 abarcando diversas realidades escolares e propiciando que agora, nesta pesquisa, façamos um resgate desta realidade com os dados já coletados ao longo desta experiência significativa na e pela linguagem. Esse projeto foi desenvolvido em diferentes escolas, atingindo sempre alunos do Segundo Ano do Ensino Médio: Escola Estadual de Educação Básica Nicolau de Araújo Vergueiro, Colégio Estadual Joaquim Fagundes dos Reis e Instituto Estadual Cecy Leite Costa.

Este projeto se materializa no ambiente escolar há muitos anos, com o objetivo de mostrar o ensino de Língua Portuguesa e Literatura com outra dimensão dentro e fora da escola. O trabalho mobiliza a escola e extrapola os muros escolares, porque é apresentado em

muitos outros espaços culturais da cidade de Passo Fundo. Esse projeto, que tem como culminância a vivência de uma experiência significativa na e pela linguagem, através da vocalização do texto poético escrito, já é bem conhecido pela comunidade passo-fundense e região, porque “invade” culturalmente muitos eventos artísticos e literários.

O início do referido Projeto se deu quando ainda estávamos na universidade, no curso de Letras, em 1996, quando surge a ideia de levar o texto poético escrito vocalizado de forma mais expressiva para fora das salas de aula de forma mais expressiva do que a proposta isolada de leitura de livros. Dessa forma, surge a vontade de um grupo de jovens⁵, todos acadêmicos do Curso de Letras⁶, motivados pelos professores da área de literatura, unidos pelo mesmo objetivo: dar vida ao texto literário, pois acreditamos que, dessa forma, estaremos trazendo o texto “adormecido” nos livros para a vida, através da vocalização. Esse texto é vocalizado, dando ênfase em cada ato individual de cada locutor que se apropria da língua e evoca, contemplando uma relação metonímia, evocando diferentes sentimentos e emoções, causando choro, riso e, até mesmo, espanto, isso é o inapreensível, isso é o poético.

Esse grupo precisava ter um nome, foi então que veio o nome Bando de Letras e a atividade desenvolvida passou a se chamar “Invasão Cultural” por se tratar de uma declamação surpresa de textos diversos, em que a plateia seria surpreendida por poesias e histórias, inclusive em outros idiomas. Assim, o grupo se reúne e ensaia performances para apresentar os textos poéticos com entonação e, em seguida, parte para as “invasões culturais” em todas as salas do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH, e em outros prédios da Universidade de Passo Fundo. O trabalho tem boa repercussão e logo esses jovens atingem destaque na região, recebendo convites para eventos fora de Passo Fundo.

Na apresentação de estreia, invadiram-se as salas do IFCH com a seguinte metodologia: um dos integrantes batia à porta da sala de aula e perguntava para o professor ou a professora se é prova ou não; recebendo a resposta negativa, apagava-se a luz e os demais integrantes falavam as palavras: “Medo”, “Sangue”, “Sombra”, palavras essas do poema *Impulso*, de autoria de um dos membros do grupo, o qual, em seguida, declamava o poema na íntegra.

⁵Primeiramente, reuniram-se Laercio Fernandes dos Santos, Clodoaldo Cirello Casagrande, Roberta Salinet, Douglas Pereto e Janaína Britto de Castro para discutir como se poderia chamar atenção com textos retirados dos livros. Esse grupo tinha como coordenadores Clodoaldo, Douglas e o professor Eládio Vilmar Weschenfelder.

⁶ Esse é um legado de uma experiência vivenciada no Curso de Letras da Universidade de Passo Fundo, em Passo Fundo, Rio Grande do Sul. Os professores e essa abertura que a própria universidade proporcionam deixa uma construção significativa na formação humana e pedagógica dos seus acadêmicos.

Já na segunda apresentação, coube a outro integrante a incumbência de, à entrada, declamar a música *Judiaria* de Lupicínio Rodrigues, bradando: “Agora você vai ouvir aquilo que merece”⁷. Com essas palavras, apontava-se o dedo para alguém da sala.

O Projeto já conseguia mostrar aos participantes que, em sua manifestação enunciativa, colocava em destaque as relações de singularidade e de intersubjetividade, ou seja: um eu se apropria da língua e a mobiliza de modo particular num aqui-agora em relação a um outro.

Com o passar dos anos, o Bando de Letras se desfez, os integrantes tomaram novos rumos. Mas o projeto nunca deixou de existir. Tornei-me professor, com uma longa carreira na educação pública, e por onde passei levei a semente deste Projeto, porque acredito que através da arte da palavra desenvolveremos o que chamamos de língua em uso. Isso ajuda os alunos para que eles se expressem melhor mesmo depois que saiam da escola e porque, afinal, a “linguagem serve para viver” acima de tudo.

Apresentamos aqui este breve histórico, no entanto, no Capítulo 3, o projeto se encontra detalhado, pois sistematizamos suas etapas, concebendo-o como elemento fundamental em nosso trabalho de Mestrado.

Atualmente, esse projeto é desenvolvido com os nossos alunos na rede estadual de ensino e se tornou terreno fértil para a pesquisa que compõe esta Dissertação de Mestrado, porque acreditamos que, através da vocalização do texto poético escrito, desenvolvemos o que chamamos de língua em uso. Antes mesmo do desenvolvimento da pesquisa, já ousávamos afirmar o projeto ajuda os alunos participantes para que eles se expressem melhor, mesmo depois que saem da escola, lembrando o que afirma Silva (2016, p. 18): “O aluno produz uma história de suas enunciações, por meio da qual continua a se construir em sua língua materna e no sistema de representações de sua cultura, estabelecendo-se, desse modo, como sujeito de/na linguagem”. O projeto, assim, oferece aos alunos uma experiência de constituição de sujeito através de suas enunciações marcadas pela vocalização do texto poético.

Com a proposta da pesquisa que derivou esta dissertação de Mestrado, novos caminhos foram se anunciando e delineando o trabalho de pesquisa, como veremos na sequência. Em linhas gerais, o Projeto parte da escolha de um texto poético pelos alunos, o qual é estudado e vocalizado pelos estudantes. É papel do professor trabalhar a imposição da voz e a postura de ficar em frente ao público. Não se trata apenas de um exercício de dizer a

⁷Judiaria, Lupicínio Rodrigues. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/lupcinio-rodrigues/397633/>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

poesia, mas é muito mais que uma declamação, chamaremos aqui de vocalização, uma vez que envolve a emoção e a sensação que qualquer arte provoca no ser humano. Trata-se de vivenciar o belo através da experimentação de uma leitura transcendente, pedagógica e mais humana. Isso é o contato com o indizível que só acontece com a experiência profunda no mundo das artes e, nesse caso, a arte da palavra, que é linguagem, que é língua viva. No desenvolver do projeto, os textos são analisados do ponto de vista enunciativo, enfocando o eixo principal que é o sentido que as palavras exercem poeticamente, culminando o trabalho com a Invasão de fato, que consiste em invadir salas de aulas, de surpresa, com poemas sendo ditos e músicas cantadas. Assim, acreditamos que “cada aluno evoca a sua experiência *na e pela* linguagem, vivência essa que carrega uma história de enunciações na *sua* língua materna” (SILVA, 2016, p.16, grifos da autora). Por isso, o presente trabalho abre a reflexão sobre as metodologias possíveis de um ensino de língua e literatura mais significativo para todos os envolvidos, cumprindo o que afirmou Benveniste: “a linguagem serve para viver” (BENVENISTE, 1989, p. 222). No centro da experiência com a linguagem, encontram-se o sentido que cada palavra estabelece no texto e os arranjos individuais que marcam a vocalização.

Para desenvolvermos nossa proposta, ancoramos nosso trabalho, primeiramente, em fundamentos teóricos advindos dos estudos de Benveniste, no que tange à discussão sobre língua e enunciação e nas relações que marcam a passagem do locutor a sujeito na enunciação. Na análise de Benveniste (1991, p.130), “o sentido é de fato a condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter *status* linguístico”. Entendemos ser possível deslocar o olhar benvenistiano para as questões de ensino, embora este autor não tenha pensado em questões específicas acerca do ensino de língua. Nesse deslocamento, a vocalização do texto poético é entendida como uma experiência na linguagem. Assim, as reflexões em pesquisas desenvolvidas recentemente acerca do aspecto vocal da enunciação também iluminam nosso trabalho, destacando-se, entre elas, a concepção de *arranjo vocal*, de Diedrich, (2015) e de *vocalização*, segundo Juchem (2017), trabalhos centrados na noção de aspecto vocal como um dos aspectos da enunciação. A proposta aqui apresentada defende a ideia de que, no ato de vocalização do texto poético escrito, o locutor se apropria do escrito e assume, via arranjos vocais particulares, o papel de sujeito, efetuando-se, assim, a *re-novação* do discurso. Mas como acessar essa experiência na história de enunciações do homem falante? Seguindo os pressupostos de uma metalinguística

da língua, na qual o falante comenta sua experiência na linguagem, segundo estudos de Flores (2015).

Em função da pandemia do novo Coronavírus, não nos foi possível realizar novas intervenções pedagógicas nas escolas, o que propiciaria a geração de novos dados para análise; assim, usamos como corpus de análise depoimentos já coletados durante os anos que antecederam a pesquisa. Nestes depoimentos, nos detemos nos comentários enunciativos emitidos por sete alunos que vivenciaram a experiência significativa na vocalização do texto poético. Ao trabalhar com a noção de comentário, somos motivados pelos trabalhos de Flores (2015), mas, como mostraremos ao longo da pesquisa, em especial, no capítulo voltado para a metodologia, revestimos essa noção de elementos particulares nos limites de nossa investigação.

Este trabalho está dividido em três capítulos, além da introdução e das considerações finais: no capítulo 2, Enunciação em Benveniste: fundamentos teóricos que amparam a pesquisa-ação, buscamos conceituar *enunciação* e *aspecto vocal*, aportados nos princípios benvenistianos, tendo como ponto de partida o texto *O aparelho formal da enunciação*. A partir dos princípios benvenistianos, discutimos o aspecto vocal da enunciação, com suporte teórico de Diedrich (2015). Trata-se do “aspecto vocal da enunciação entendendo-o como arranjo organizador/integralizador do discurso implicado na *emissão* e na *recepção* dos elementos vocais da língua em atos individuais.” (DIEDRICH, 2015, p. 56). Ainda no capítulo 2, chegamos à conceituação de vocalização, ancorados em JUCHEM (2017), o que nos permitiu desenvolver um olhar autoral em busca do que entendemos como vocalização do texto poético em nosso trabalho. Para Juchem (2017, p 28), o termo *vocalização* parte de um ponto de vista linguístico-enunciativo à luz da teoria benvenistiana, a junção de *vocal* com *enunciação* permitiu-nos considerar o termo *vocalização* como mais próximo da perspectiva teórica deste estudo. Constitui-se, assim um deslocamento teórico operado pela autora. Em nossa investigação, temos clareza de que o poeta se apropria da língua para escrever, uma das formas de semantização da língua através da escrita, a cada vez que nós tomamos esse discurso e o atualizamos, numa experiência de *vocalização desse escrito*, ou seja, quando falamos esse texto em voz alta, atualizamos esse discurso. Dessa forma trazemos o termo *vocalização* para nosso trabalho.

Com essa fundamentação teórica, chegamos ao capítulo 3, nosso capítulo metodológico, no qual detalhamos o projeto Invasão Cultural, com o intento de mostrar como o locutor que se apropria da língua transforma-se em sujeito na linguagem. Para tanto,

mobilizamos um conceito de poético derivado das leituras que fazemos dos trabalhos de Jakobson (2007) e de sua releitura por Diedrich (2015; 2020). Com essa filiação, apresentamos as etapas do Projeto Invasão Cultural e detalhamos a proposta de desenvolvimento na Escola.

No capítulo 4, movidos e motivados pelos princípios teórico-metodológicos e tendo como dados concretos o resultado da vocalização da experiência do texto poético escrito, apresentamos as análises dos dizeres dos estudantes protagonistas do ato enunciativo que marca a experiência de vocalização do texto poético vivenciada no Projeto Invasão Cultural. Fazemos isso, buscando responder à pergunta norteadora de pesquisa: o que revelam os dizeres dos estudantes sobre sua experiência de vocalização do texto poético, uma experiência na linguagem, vivenciada no Projeto Invasão Cultural? E a partir das seguintes relações enunciativas: falante-língua, b) falante-língua na manifestação poética, e c) falante-outro.

Por fim, no capítulo 5, apresentamos as conclusões, resultados da trajetória de uma pesquisa que nos permite elucidar alguns fenômenos na experiência de vocalização do texto poético escrito bem como traçar apontamentos para melhorar o ensino da língua materna nas escolas.

2 ENUNCIÇÃO EM BENVENISTE: FUNDAMENTOS TEÓRICOS QUE AMPARAM A PESQUISA

Este é o capítulo que afirma o percurso teórico em nossa caminhada para refletir acerca da experiência de vocalização do texto poético vivenciada no Projeto Invasão Cultural, uma experiência na linguagem, a partir dos dizeres dos estudantes protagonistas do ato enunciativo. Assim, os conceitos teóricos da nossa pesquisa encontram-se neste capítulo.

Este capítulo se ocupa, inicialmente, da discussão acerca do que é enunciação e o que essa concepção exige de um trabalho de pesquisa na perspectiva enunciativa. Para abordar esse conceito, derivamos da leitura que fazemos da obra de Benveniste três princípios condutores⁸, os quais serão discutidos em seguida; depois de explicitada essa concepção, dedicamo-nos ao aspecto vocal da enunciação, questão central em nosso trabalho, para, a partir dela, abordarmos a vocalização do texto poético escrito, que é o escopo central de nossa pesquisa.

2.1 A ENUNCIÇÃO EM BENVENISTE E OS PRINCÍPIOS ENUNCIATIVOS

Inicialmente, nos perguntamos: O que vem a ser enunciação? Para entendermos este complexo conceito, apoiar-nos-emos, de início, no texto *O aparelho formal da enunciação*, em que a definição deste conceito, basilar para nosso trabalho, é apresentada por Benveniste: “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1989, p. 82). O autor segue definindo, “na enunciação consideraremos, sucessivamente, o próprio ato, as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização” (BENVENISTE, 1989, p. 83). Para tanto, Benveniste diz mais: “o ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas

⁸ Em textos publicados no PLG I e II e em Últimas aulas no Collège de France

condições necessárias da enunciação”, e, nesse sentido, o autor salienta o papel da enunciação, “antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno” (BENVENISTE, 1989, p. 83-84). Sem dúvida, a frase: “emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte” torna-se a direção da nossa investigação. A enunciação envolve diversos aspectos linguísticos para a sua realização, “O mais imediatamente perceptível e o mais direto – embora de um modo geral não seja visto em relação ao fenômeno geral da enunciação – é a realização vocal da língua” (BENVENISTE, 1989, p. 82). Por isso, a enunciação é o homem se fazendo sujeito, na relação com o outro, pois para termos sons emitidos eles precisam se dirigir a outro que os percebe.

Assim, na enunciação, há um locutor e um interlocutor envolvidos. Nesse caso, teremos a presença de um *eu* e *tu*. Essa manifestação poderá ser oral ou escrita, com isso, teremos a enunciação como ato de dizer, representando o início de tudo. Nesse caso, o indivíduo enuncia porque esse momento é o momento da apropriação da língua. Para que tornemos mais claro o conceito de *enunciação*, apresentaremos um quadro síntese dos princípios enunciativos que movem nossa discussão inicial acerca da teoria enunciativa:

Quadro 01: Princípios enunciativos

- | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização. 2. Na enunciação consideraremos, sucessivamente, o próprio ato, as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização. 3. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno. |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Fonte: O autor (2020)

A organização do quadro anterior se deu para que possamos determinar os aspectos enunciativos, com os quais iremos trabalhar, dando base para a investigação. Assim, faremos algumas considerações pertinentes para nos apropriarmos do conceito enunciativo.

A escolha por esses princípios, como condutores do trabalho a que nos propomos acerca da enunciação, resulta das leituras que fazemos da obra benvenistiana, mais especificamente, de textos basilares publicados em *Problemas de Linguística Geral I* e *Problemas de Linguística Geral II*. Passemos a abordar cada um desses princípios, com a certeza de que, no interior dessa abordagem, outros princípios que a esses se interligam, serão convocados.

- 1) A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização.

Este primeiro princípio nos remete a entender que a enunciação está ligada diretamente no princípio linguístico estabelecido por Benveniste: *semiótico* e *semântico*. O *semiótico* está ligado ao signo linguístico, constituindo unidades que combinadas entre si atribuem o sentido da língua. Detalhemos melhor o conceito: o semiótico está no domínio da língua enquanto sistema de signos, ou seja, no sistema linguístico que “são elementos de base em número limitado, cada um diferente do outro e suas unidades se agrupam para formar novas unidades, e estas por sua vez poderão formar outras ainda, de um nível cada vez superior” (BENVENISTE, p. 225). Percebemos que Benveniste está ressaltando que esse é um dos domínios da língua, o *semiótico*, porque para ele há duas maneiras de ser língua. Esse domínio diz respeito ao que é reconhecido, sem particularidade alguma, sem relação com o mundo, sem levar em conta a atitude do falante. Ressaltamos que por mais que decompos suas unidades em elementos cada vez menores, há um limite inferior, “este limite é o da *significação*; não podemos descer abaixo do signo sem perder a *significação*” (BENVENISTE, 1989, p. 225). Não há como decompor uma unidade menor do signo linguístico se ela perde a *significação*, por isso a *significação* assume espaço central em seus estudos. É importante ressaltar que para ter *significação* as unidades precisam ser organizadas seguindo “a noção de signo como dependente da ordem semiótica” (BENVENISTE, 1989, p. 224).

Benveniste (1989) apresenta o domínio *semântico*, que é movido pelo discurso. Esse domínio está ligado a uma modalidade fundamental de ser língua que é a de comunicar, relacionado diretamente com o domínio da língua em ação, pois “vemos desta vez na língua sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência” (BENVENISTE, 1989, p.229). Nesse domínio se chega ao discurso, representando a ação da língua no seio da vida do homem. É através dele que o homem, via linguagem, se torna atuante na sociedade. Pois é

através dessa ação linguística que se estabelecem as relações sociais e culturais. “Do semiótico ao semântico há uma mudança radical de perspectiva” (BENVENISTE, 1989, p. 229). Realmente o nível semântico representa a vida da língua, ela recebe a atitude do locutor que se apropria e a eleva à condição de discurso, via enunciação.

É importante ressaltar que as formas são as mesmas nos dois domínios, porém o que muda é a particularidade do discurso, ou seja, o papel do locutor, que não existe no semiótico. Por isso, a questão central é colocar em funcionamento a língua. Quem coloca em funcionamento a língua? Encontra-se aí a importância do ato individual do locutor que mobiliza a língua na enunciação. Implicada, nesta mobilização, encontra-se a significância linguística. “A significância da língua, ao contrário, é a significância mesma, fundando a possibilidade de toda troca e de toda comunicação, e também de toda a cultura” (BENVENISTE, 1989, p. 60). Entendemos, então, que essa propriedade está revestida de uma dupla significância: *semiótico* e *semântico*, e eles se articulam nos dois modos de ser língua. O *semiótico* está ligado ao sentido que as unidades devem ter para os falantes de uma determinada comunidade linguística, o que é de domínio comum dentro do sistema, que tem a “organização de signos, segundo o critério de significação” (BENVENISTE, 1989, p. 233), isto é, dentro do sistema semiótico suas unidades carregam em sua forma o sentido e “sobre este fundamento semiótico, a língua-discurso constrói uma semântica própria, uma significação intencionada” (BENVENISTE, 1989, p.233-234). Mas a propriedade de significância da língua só é possível em função do seu poder simbolizante da cultura e da sociedade.

A cultura define-se como um conjunto muito complexo de representações, organizadas por um código de relações e de valores: tradições, religião, leis, política, ética, artes, tudo isso de que o homem, onde quer que nasça, será impregnado no mais profundo da sua consciência, e que dirigirá o seu comportamento em todas as formas da sua atividade, o que é senão um universo de símbolos integrados numa estrutura específica e que a linguagem manifesta e transmite? Pela língua, o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma (BENVENISTE, 1991, p. 32).

O que Benveniste salienta é que o homem se constitui na linguagem e é pela linguagem que os valores do homem se enunciam. Toda a cultura do homem se apresenta numa construção simbólica e isso se torna no cerne de todo o simbolismo da língua como poder de significação. Pois “pela língua o homem assimila a cultura, a perpetua e a transforma” (BENVENISTE, 1991, p. 32). A enunciação, assim, é revestida desse simbolismo, porque, “definitivamente o símbolo que prende esse elo vivo entre o homem, a

língua e a cultura” (BENVENISTE, 1991, p. 32). Assim, entendemos que o sujeito é construído pela experiência na e pela linguagem.

Estando explicitado o primeiro princípio, passemos ao segundo.

- 2) Na enunciação consideraremos, sucessivamente, o próprio ato, as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização.

A partir do segundo princípio, a enunciação é vista em relação a outros conceitos, nela imbricados. Abordaremos cada um deles na sequência. Ao afirmar que na enunciação há de se considerar o próprio ato, Benveniste aponta para a relação eu-tu. O ato enunciativo é o ato, como já afirmamos anteriormente, de um locutor que se apropria da língua e a coloca em funcionamento, mas o faz sempre em relação a um outro, a um tu: “ela é um ato porque, através dela, o locutor transforma a língua em discurso e essa transformação se dá, entre outros motivos, como um processo de agenciamento de formas e sentidos” (FLORES, 2013, p.164). Assim é ato porque entendemos que a enunciação se dá quando o locutor se apropria da língua e transforma em discurso, dessa forma, através dessa transformação é um processo de agenciamento de formas e sentidos.

Considerar a enunciação como ato é admitir que há a presença do locutor porque “O ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação” (BENVENISTE, 1989, p. 83). Quando admitimos que há um ato como condição essencial para a enunciação, também podemos perceber que este ato é individual porque vem de um locutor que, por consequência, mobiliza a língua e assim ocorre o diálogo, pois “desde que ele se declara locutor e assume a língua, ele implanta o outro diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro. Toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação, ela postula um alocutário” (BENVENISTE, 1989, p. 84).

Para que se efetive a enunciação, há de se levar em conta a situação para que isso ocorra. Benveniste diz: “antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade de língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso” (BENVENISTE, 1989, p. 83). Com isso, permite-nos entender que a situação seja estabelecida a cada instância do discurso que o locutor se apresenta, instâncias de tempo, espaço e pessoa, porque “na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo”, (BENVENISTE, 1989, p. 84). Essa relação com o mundo traz implícita a situação de que se enuncia. E na apropriação da língua pelo locutor há “a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de

cada locutor um co-locutor. A referência é parte integrante da enunciação” (BENVENISTE, 1989, p. 84). Nessa relação de referência na qual estão locutor e co-locutor, presentifica-se a situação em que o discurso ocorre. Aqui não trazemos situação como mundo exterior, mas atrelada à atmosfera de sociabilidade: “A situação, em seu todo, consiste no que acontece linguisticamente. Cada enunciação é um ato que serve o propósito direto de unir o ouvinte ao locutor por algum laço de sentimento social ou de outro tipo” (BENVENISTE, 1989, p. 90).

E para encerrarmos a explicação do item dois, chegamos ao último elemento referido neste princípio, sendo os instrumentos necessários para a realização da enunciação, que se refere a tudo o que está disponível de recurso no sistema linguístico, pois a cada ato de apropriação da língua o locutor recorre a todos os elementos disponíveis no interior da língua para colocar a língua em funcionamento:

Enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de apropriação. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro (BENVENISTE, 1989, p. 84).

Benveniste está dizendo que o locutor, ao se apropriar do aparelho formal da língua, mobiliza todos os elementos linguísticos disponíveis no sistema para chegar à enunciação e quem transforma isso é o locutor, através do ato individual, quando enuncia. Assim, segundo Flores (2018, p. 404), “o dito aparelho formal de enunciação não é algo que está pronto aprioristicamente e que caberia ao locutor acessar, tomar posse, mas é algo construído a cada enunciação a partir dos recursos da língua em uma dada situação”. Nessa referência do autor, percebemos que a enunciação não é algo que está pronta, mas a cada ato ela se reconstrói a partir dos instrumentos oferecidos para a sua realização. São os índices específicos a que Benveniste chamou de “caracteres necessários e permanentes” (BENVENISTE, 1989, p. 83). Podemos deduzir que o autor se refere ao mecanismo para a realização da enunciação e estes apresentam uma diversidade de situações, por isso a enunciação sempre se refaz a cada ato. Assim, Benveniste estabelece os índices da enunciação: os índices de pessoa (eu-tu), os índices de ostensão de espaço (este, aqui) e as formas temporais (do presente da enunciação). Trata-se do “aparelho necessário” (BENVENISTE, 1989, p. 85). Se o autor usa essa expressão, ele nos autoriza a entender que, para a realização da enunciação, existe o “aparelho necessário”, o mecanismo que a língua enquanto sistema nos oferece para a realização da enunciação, como as categorias de: pessoa, espaço e tempo, porém cabe

ressaltar que existem outros fatores não específicos que modificam essa enunciação a cada ato individual de apropriação da língua, por isso que dizemos que o discurso se renova, pois é no discurso que toda a língua se atualiza. E se a enunciação depende de fatores específicos, não podemos negar que ela também depende de procedimentos acessórios que modificam esse ato, é o que Benveniste afirma que depende de uma “atmosfera de sociabilidade” (BENVENISTE, 1989, p. 90), que se incluem os procedimentos acessórios. E isso depende da peculiaridade de cada enunciação evocada. A seguir nos deteremos nos índices específicos da enunciação: pessoa, tempo e espaço (eu, tu, aqui-agora).

A pessoa torna-se uma categoria importante, porque remete a inter-relação de um eu e um tu para que a enunciação aconteça. Assim, no ato enunciativo está impressa a relação estabelecida por um eu e um tu. “Eu designa aquele que fala e implica ao mesmo tempo um enunciado sobre o “eu”: dizendo eu, não posso deixar de chamar de mim” (BENVENISTE, 1991, 250). Se considerarmos um eu na enunciação, ao mesmo tempo, consideramos a irreversibilidade, por meio da qual aparece um tu. Que “é necessariamente designado por e não pode ser pensado fora de uma situação proposta a partir do ‘eu’; e, ao mesmo tempo, eu anuncia algo como predicado um predicado de ‘tu’” (BENVENISTE, 1991, p. 250). Não existe enunciação sem que se estabeleça essa relação.

Percebemos que a categoria de temporalidade se torna importante para realização enunciativa, porque é a partir dela que podemos dizer que cada discurso é uma nova enunciação. Pois “da enunciação procede a instauração da categoria do presente” (BENVENISTE, 1989, p.85), é a enunciação que estabelece o presente e, assim, surge a categoria de tempo, o “agora”: “o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o ‘agora’ e torna-lo atual senão realizado pela inserção do discurso no mundo” (BENVENISTE, 1989, 85). A partir desse princípio benvenistiano, nos damos conta de que o presente somente é possível de se viver pelo ato enunciativo. No ato enunciativo é que é possível apreender esse presente que é o agora.

Creemos que os procedimentos acessórios são compostos por todos os recursos que se encontram na língua, permitindo ao locutor apropriar-se dela e enunciar. Com o trabalho de vocalização do texto poético escrito acontece isso, pois quando o estudante toma para si um texto poético de qualquer que seja o poeta, ele mobiliza tudo o que está disponível na língua para vocalizar. Por isso, os princípios apresentados por Benveniste se materializam no Projeto Invasão Cultural, pois nessa atmosfera de sociabilidade a língua acontece no momento em que o estudante se enuncia através de um eu evocando arranjos individuais e estabelece uma inter-

relação com um tu na presentificação do agora. Nessa atmosfera linguística nasce a experiência significativa na e pela linguagem.

Estando esclarecidas as relações enunciativas com consideração ao ato, à situação e aos instrumentos, passamos ao terceiro princípio.

- 3) Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno.

Já esclarecemos no princípio 1 a ideia de ato e nesta ideia está implicada a concepção de que a língua, antes da enunciação, é apenas possibilidade. Assim, é na concretude do discurso que se dá a relação entre locutor e ouvinte, unidos pela forma sonora. É a condição do diálogo que se estabelece na enunciação. Se Benveniste considera como elementos essenciais para a enunciação o locutor e um ouvinte é porque intrínseco a essa relação temos o fator da subjetividade e a intersubjetividade. “A “subjetividade” de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como sujeito” (BENVENISTE, 1991, p. 286). E isso só é possível através da linguagem, pois essa propriedade é fundamental porque sempre na linguagem temos um homem falando com outro homem. Aí entendemos que o sujeito se faz na relação que estabelece com o outro, então, temos um *eu* que detém a subjetividade e com um *tu* com possibilidade de ser sujeito a partir da relação de inversibilidade⁹. Nessa relação, compreendemos a condição de intersubjetividade.

Assim, as funções de locutor-alocutário representam a intersubjetividade, pois Benveniste (1991) “vê essas funções desempenharem seu papel de unir existências humanas, na relação *eu-tu*, o que, para nós, coloca em evidência a noção de *emissão* e *recepção*” (DIEDRICH, 2015, p. 40), E é nessa relação que se encontra imbricada a cultura, definindo a relação do homem com outro homem na e pela linguagem: “Chamo cultura ao meio humano, tudo o que, do outro lado do cumprimento das funções biológicas, dá à vida e à atividade humanas forma, sentido e conteúdo. A cultura é inerente à sociedade dos homens, qualquer que seja o nível de civilização” (BENVENISTE, 1991, p. 31-32). Assim, entendemos a cultura como algo imbricado inevitavelmente na relação *eu-tu*. E isso é vivenciado pelo homem através da experiência na linguagem, porque “entre o homem, a língua e a cultura há

⁹ “Característica das pessoas ‘eu’ e ‘tu’ que consiste no fato de que o que o ‘eu’ define como ‘tu’ se pensa e pode inverter-se em ‘eu’, e ‘eu’ pode se tornar um ‘tu’” (FLORES, 2013, p. 124).

um vínculo que se mantém no simbolismo articulador entre essas entidades”, conforme afirma Diedrich (2015, p. 24) com base nos estudos benvenistianos.

Benveniste (1989) afirma que o homem está na linguagem e é dessa relação que nasce a experiência humana, do homem. Essa experiência humana que Benveniste fala somente é possível na enunciação, pois ela está ligada por categorias fundamentais para o discurso, de pessoa (eu e tu) e a de tempo (tempo do discurso – aqui e agora - e tempo histórico – atualizado no discurso linguístico):

este ato de discurso que enuncia *eu* aparecerá, cada vez que ele é reproduzido, como o mesmo ato para aquele que o entende, mas para aquele que o enuncia, é cada vez um ato novo, ainda que repetido mil vezes, porque ele realiza a cada vez a inserção do locutor num momento novo do tempo e numa textura diferente de circunstâncias e de discursos (BENVENISTE, 1989, p. 68).

Podemos observar na fala do linguista que, na experiência humana na linguagem, a cada ato de enunciar, o locutor se apropria da língua como possibilidade e enuncia sempre num momento de discurso novo, por isso, esse princípio torna-se, para nossa investigação, algo essencial, porque nosso intuito é descrever a experiência de vocalização do texto poético vivenciada no Projeto Invasão Cultural, uma experiência na linguagem, a partir dos dizeres dos estudantes protagonistas do ato enunciativo, demonstrando que a cada vocalização do texto poético escrito é um novo discurso, porque as circunstâncias jamais serão as mesmas. Isso é enunciação para Benveniste e a essência da experiência humana está na linguagem.

Nesse sentido, a *enunciação*, para existir, precisa de um locutor que se propõe usar a língua e dizer algo para outro que esteja disposto a ouvir, essa é a relação de intersubjetividade entre *eu* e *tu*, e isso tudo ocorre num determinado momento e espaço, porque só há sociedade porque há língua, pois,

em toda a língua e a todo momento aquele que fala se apropria desse *eu*, este *eu* que, no inventário das forma da língua, não é senão um dado lexical semelhante a qualquer outro, mas que, posto em ação no discurso, aí introduz a presença da pessoa sem a qual nenhuma linguagem é possível (BENVENISTE, 1989, p. 68-69).

No momento que o *eu* se apropria da língua, ocorre a renovação do discurso que é resultado da *enunciação*, mesmo sendo o mesmo sujeito, não há possibilidade de esse discurso ser repetido. E ao falar em “introduz a presença da pessoa sem a qual nenhuma linguagem é possível”, Benveniste destaca algo fundamental que é essa relação de um *eu* e de um *tu*, que é uma relação de intersubjetividade. A experiência humana na linguagem acontece

por meio de uma troca. Precisamos entender que tanto quem assume o papel do *eu*, ou tanto quem assume o papel na enunciação de um *tu* compartilha a experiência humana na e pela linguagem, pois é uma troca humana, “o pronome *eu* aparece num enunciado, evocando – explicitamente ou não – o pronome *tu* para se opor conjuntamente a *ele*, uma experiência humana se instaura de novo e revela o instrumento linguístico que a funda” (BENVENISTE, 1989, p. 69). Salientamos que há sim uma troca que institui o outro no momento da enunciação, porém há que se dizer também que há uma experiência subjetiva que o locutor vivencia e isso é intransferível.

A essência dos princípios de Benveniste é que a concepção de linguagem dá importância ao outro, instituído como peça chave para enunciação, pois sem o outro fica claro que não há enunciação, tampouco, haverá experiência humana. Não é por acaso que Benveniste termina o texto *A linguagem e a experiência humana*, frisando que, para isso, inevitavelmente a intersubjetividade ocorre e “reflete na língua a experiência de uma relação primordial, constante, indefinitivamente reversível, entre o falante e seu parceiro” (BENVENISTE, 1989, p. 80), transformará o princípio enunciativo como referência como estudo linguístico. Isso é tão significativo para nossa investigação, porque queremos definir que numa experiência linguística de vocalização do texto poético escrito, a relação entre eu e tu envolve uma troca que resultará inevitavelmente numa significativa experiência humana na linguagem. Porque “é sempre ao ato de fala no processo de troca que remete a experiência humana inscrita na linguagem” (BENVENISTE, 1989, p. 80), assim, podemos transmutar o termo *ato de fala*, como ato individual de vocalização do texto poético escrito, para dizer que a cada texto poético escrito vocalizado, ocorre a relação significativa do outro que percebe o que um locutor apropriado da língua emite em sua enunciação, instaurando-se como sujeito. Ocorre, assim, a *evocação* de sentimentos e emoções, via aspecto imaterial da língua.

Observamos, neste princípio 3, que antes de um locutor apropriar-se da língua e transformá-la em enunciação, ela não passa de um sistema apenas como possibilidade, porém se esse locutor efetuar a língua na enunciação, ela passa à instância de discurso, assim emitindo a forma sonora que será recebida por um ouvinte.

A língua, para Benveniste, na enunciação, é tratada como a realização completa, não apenas como análise dos níveis linguísticos. Ela se apresenta além do sistema como possibilidade. Isso representa dizer que não é o *emprego das formas*, mas o *emprego da língua* que lhe interessa: “Coisa bem diferente é o emprego da língua. Trata-se aqui de um mecanismo total e constante que, de uma maneira ou outra, afeta a língua toda”

(BENVENISTE, 1989, 82). O que seria então esse *mecanismo total que afeta a língua inteira*? Podemos entender que esse *mecanismo total* é a própria enunciação, pois quando falamos em enunciação todas as possibilidades de realização da língua estão englobadas nesse conceito. Dessa forma, entendemos enunciação como *mecanismo total*. Flores (2013) detalha essa noção, dizendo que esse é um ponto de vista de Benveniste que incide em cada um dos níveis separadamente e /ou em inter-relação.

E, por tudo isso, afirmamos que a enunciação pode compreender vários ângulos e possibilita estudos enunciativos em diferentes direções. E, é por isso que o próprio Benveniste (1989, p. 82) salienta que “Este grande processo pode ser estudado sob diversos aspectos”. Frente a isso, na sequência, explicaremos melhor o que seriam esses aspectos enunciativos. Eles são explicados por Flores (2013), autor no qual nos pautamos a seguir: a) O aspecto vocal, b) O aspecto da semantização e c) Quadro formal de realização.

Benveniste considera o *aspecto vocal* como: “o mais imediatamente perceptível e o mais direto – embora de um modo geral não seja visto em relação ao fenômeno geral da enunciação – é a realização vocal da língua” (BENVENISTE, 1989, p. 82). O autor deixa claro que uma das formas para enunciar a língua é através do aspecto vocal, e esse vem em primeiro, pois ele é imediatamente perceptível. Por isso, sim, ele torna-se um dos grandes eixos de estudos na “pesquisa no campo da linguística enunciativa – considera que o *grande processo* da enunciação admite ser estudado do ponto de vista de sua natureza vocal” (FLORES, 2013, p.164). Por esse viés é que elegemos essa temática para investigar e a ela voltaremos na próxima seção. Por ora, dedicamo-nos aos outros dois aspectos.

Como segundo aspecto, temos a enunciação ligada à semantização da língua, aí aparece o grande princípio da *conversão da língua em discurso* “é a semantização da língua que está no centro deste aspecto da enunciação, e ela conduz à teoria do signo e à análise da significância” (BENVENISTE, 1989, p.83). Para Flores (2013, p. 165), significa que o aspecto da semantização está ligado ao princípio geral de enunciação, já que dizer que converter a língua em discurso não é “diferente de dizer que enunciar é um ato de utilizar a língua” (FLORES, 2013, p.165). O autor afirma que a *semantização* é algo muito importante à enunciação, “embora o uso da língua seja descrito como processo que compreende **apropriação, atualização, sintagmatização e semantização** (grifo nosso), é este último que engloba os demais, pois a semantização resume todo o trabalho com a língua: a conversão da língua em discurso” (FLORES, 2013, p.166). Entendemos que semantização é a realização da

língua em todos os sentidos e possibilidades, com isso a semantização torna-se o centro da enunciação trazida por Benveniste.

E, assim, chegamos no terceiro aspecto, *o quadro formal de realização da língua*, ou seja, convém dizer que esse quadro compreende a formalização da língua, pois é o quadro formal da enunciação, referindo-se à pessoalidade (eu e tu), à temporalidade (aqui e agora) e a subjetividade (ato individual). Cabe dizer que é através de um locutor que se apropria da língua nominando-se *eu da enunciação*, no tempo em que transforma essa língua em discurso, através de um ato individual, pois é essa “manifestação individual que ela atualiza” (FLORES, 2013, p.166). Percebemos que é através da subjetividade do sujeito que a cada apropriação da língua a atualiza e, por isso, origina um novo discurso. Para nós, é importante frisarmos o quanto nos interessa a *manifestação individual*, pois através dela entendemos que mesmo um discurso ser algo que já tenha sido dito milhares de vezes ele sempre será novo, pois para o princípio benvenistiano da enunciação, a língua sempre é atualizada e jamais podemos dizer a mesma coisa, mesmo que pensamos que ela já tenha sido dita, exatamente pela temporalidade e subjetividade. Assim, “todos os homens inventam sua própria língua a cada instante e cada um de maneira distinta, e a cada vez de uma maneira nova. Dizer bom dia todos os dias da vida a alguém é cada vez uma reinvenção” (BENVENISTE, 1989, p. 18). Percebemos que é a subjetividade presente no ato do locutor ao mobilizar a língua que cada instante é único e nunca repetível.

Então, depois de abordar esses princípios enunciativos, destacamos que a enunciação é ato individual de colocar a língua em funcionamento, e esse colocar em funcionamento supõe a relação do locutor e do seu alocutário: *eu e tu*, dando a noção enunciativa de pessoa. Essa relação se dá num espaço e tempo, o que nos remete pensar a enunciação num *aqui e agora*. O locutor que se assume como *eu* mobiliza a língua no discurso.

Nessa materialização, interessa-nos especialmente um dos aspectos da enunciação, a realização vocal, da qual trataremos de forma específica na próxima seção. Como este aspecto está fortemente ligado à especificidade de cada locutor, ao se apropriar da língua, representa, para nossa investigação, um eixo condutor, por isso, trataremos dele numa seção individualizada.

2.2 ASPECTO VOCAL

Para termos um maior entendimento do que Benveniste nos apresenta como aspecto vocal, voltaremos um pouco na nossa trajetória e buscaremos explicação do que seria este aspecto, com enfoque no texto *O aparelho formal da enunciação*, no qual Benveniste apresenta o aspecto vocal como um dos aspectos da enunciação:

O mais imediatamente perceptível e o mais direto – embora de um modo geral não seja visto em relação ao fenômeno geral da enunciação – é a realização vocal da língua. Os sons emitidos e percebidos, quer sejam estudados no quadro de um idioma particular ou nas suas manifestações gerais, como processo de aquisição de difusão, de alteração – são outras tantas ramificações da fonética – procedem sempre de atos individuais (BENVENISTE, 1989, p. 82).

Podemos entender que o aspecto vocal está relacionado ao individual, porque está ligado à realização de cada locutor; e outro que é de domínio social, porque a comunidade domina. Um exemplo disso: há os sons da língua, são da coletividade, mas há um arranjo vocal, que depende do falante, pertencente a sua apropriação particular dos elementos linguísticos no discurso, observado na realização vocal particular. Para entendimento da questão, estamos separando os domínios, porém na realização da linguagem um não existe sem o outro. Trata-se do semiótico e do semântico, conforme explicitado anteriormente ao tratarmos do Princípio 1 da enunciação. Mas é importante ressaltar que as formas não são diferentes nos dois domínios, porém o que muda é a particularidade do discurso, ou seja, o papel do locutor, que não existe no semiótico. Tudo isso, para Benveniste, refere-se à enunciação, à concretude da língua em emprego.

Assim, entendemos que olhar para o aspecto vocal da enunciação, para Benveniste (1989), exige que consideremos sua relação: a) com o ato, um ato de apropriação da língua, que, certamente, não diz respeito somente à atividade articulatória das cordas vocais, uma vez que envolve um mecanismo total e constante, o que impede que se pense o aspecto vocal destituído de sua relação com a língua como um todo; b) a situação em que esse ato se realiza, responsável pela atualização de referências; c) os instrumentos de sua realização, o que envolve a língua como um todo. Essas relações fazem com que o aspecto vocal da enunciação seja entendido a partir de traços individuais da enunciação fônica mobilizados na relação entre eu e tu, a cada vez marcada pela diversidade das referências produzidas em cada situação.

Encontramos outras referências ao vocal na obra de Benveniste, como quando o autor se refere à linguagem como sistema simbólico em dois planos. Então, podemos perceber que há um elemento constituinte do aspecto vocal que é material e outro de ordem imaterial, com isso, nos perguntamos. O que estabelece um e outro? Com base em *Vistas d'olhos sobre o*

desenvolvimento da linguística (BENVENISTE, 1991), entendemos que há dois elementos que concorrem para o estabelecimento do aspecto vocal.

Mas a linguagem é um sistema simbólico especial, organizado em dois planos. De um lado é um fato físico: utiliza a mediação do aparelho vocal para produzir-se, do aparelho auditivo para ser percebida. Sob esse aspecto material presta-se a observação, à descrição e ao registro. De outro alado, é uma estrutura imaterial, comunicação de significados, substituindo os acontecimentos ou as experiências pela sua “evocação” (BENVENISTE, 1991, p. 30).

Benveniste apresenta um aspecto central neste trabalho: é a linguagem como experiência humana, através dos acontecimentos e para inserir o homem nessa experiência vamos utilizar o aparelho vocal. “comunicação de significados”, “evocação”. Evocação diz respeito à propriedade simbólica da linguagem, uma vez com a palavra emitida e percebida constitui-se a tríade: língua, cultura e homem, pois isso é um dado constitutivo da linguagem.

Definido o aspecto vocal a partir de Benveniste, agora voltamo-nos para os trabalhos de Diedrich (2015, 2017), autora que se dedicou a investigar o aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem. Nos trabalhos de Diedrich, encontramos a concepção de *arranjo vocal*, desenvolvida a partir da interpretação que a pesquisadora faz do aspecto vocal em Benveniste. Em sua tese de doutorado (DIEDRICH, 2015, p.42), a autora afirma que **o aspecto vocal é a realização da língua como manifestação da singularidade do locutor no ato da apropriação da língua, uma vez que esse ato é individual** (grifo nosso).

Diedrich (2015) trabalha com alguns conceitos importantes que podem nos ajudar no entendimento e na definição do que representa neste estudo o aspecto vocal, que pretendemos aprofundar futuramente. A autora salienta que são “funções inter-humanas que trazem, na enunciação, o sentido e a referência dos discursos vocais” (DIEDRICH, 2015, p.68). Trata-se de questão que nos interessa sobremaneira em nossa pesquisa, porque “a mobilização do aspecto vocal na enunciação imprime ao modo de dizer do locutor [...] ao viver tal experiência” (DIEDRICH, 2015, p.68). Acreditamos que a autora se refere a exatamente aquilo que estamos buscando definir, pois as funções *inter-humanas* e *modo de dizer do locutor* mobilizam sentidos para que possamos aprofundar nosso estudo. Ainda, a autora elucida o conceito de aspecto vocal com uma abordagem que atravessa as nossas convicções. Trata-se do “aspecto vocal da enunciação entendendo-o como arranjo organizador/integralizador do discurso implicado na *emissão* e na *recepção* dos elementos vocais da língua em atos individuais.” Negritamos, pois realmente essa conceituação vem ao

encontro com o que pensamos e buscamos, num trabalho linguístico que olha para *emissão e recepção dos sons em atos individuais*.

Para melhor visualizarmos a questão, trazemos o quadro usado por Diedrich (2015, p.57):

- 1 O aspecto vocal da enunciação envolve a emissão e a percepção dos sons da língua em atos individuais, o que revela especificidades decorrentes da diversidade das situações nas quais a enunciação é produzida.
- 2 O aspecto vocal da enunciação traz impressas as particularidades culturais advindas do homem na sociedade.
- 3 O aspecto vocal da enunciação torna a experiência interior de um sujeito acessível a outro numa expressão articulada e representativa, resultante do arranjo vocal realizado numa determinada língua.
- 4 A realização vocal da língua em relação ao fenômeno geral da enunciação encontra sua manifestação no aparelho de formas e de funções sintáticas.
- 5 O aspecto vocal da enunciação não está apenas nas formas ou num ou outro nível da língua, mas no arranjo vocal que afeta, na sintagmatização do discurso, a significação das unidades significantes da língua para a produção de sentidos singulares na relação intersubjetiva constituída entre emissão e percepção.

Fonte: Diedrich (2015).

A partir desse quadro de princípios da autora, percebemos que (1) pelo aspecto vocal da enunciação acessamos arranjos e sentidos específicos, dada a especificidade de cada situação em que ele se realiza. Somada a isso, (2) há a questão cultural: toda realização enunciativa está atrelada à cultura e sociedade. Não há como não entender que “A sociedade torna-se significativa na e pela língua, a sociedade é o interpretado por excelência da língua” (BENVENISTE, 1989, p. 98). Assim, o indivíduo e a sociedade se encontram na língua, pois “é impossível descrever sociedade, descrever a cultura, fora de suas expressões linguísticas” (BENVENISTE, 1989, p. 98). O aspecto vocal evoca essa relação com a sociedade e seus sistemas significantes, do qual a língua, sem dúvida, é o interpretante. (3) Somado a isso, há a intersubjetividade: a relação enunciativa entre *eu* e *tu* dá a possibilidade de um locutor mobilizar a língua através da vocalização do texto poético, tornando-se sujeito da enunciação na relação de emissão e recepção do vocal na experiência humana de intersubjetividade. (4e

5) Mas a questão é mais complexa: a língua fornece um aparelho de formas e funções a ser mobilizado na enunciação; sendo o vocal entendido pela autora como um arranjo integralizador, ele transversaliza todas as formas da língua, cumprindo funções específicas na enunciação.

Nessa incursão, o aspecto vocal marca a historicidade humana, pois “a linguagem manifesta-se como uma realidade que carrega vestígios de uma historicidade enunciativa, a experiência humana inscrita na linguagem, que define o próprio homem” (DIEDRICH, 2015, p.29). Quando Diedrich (2015) afirma “que a linguagem carrega vestígios de historicidade”, nos remetemos ao conceito primordial do aspecto vocal que traz essa individualidade na experiência com a linguagem.

Como já afirmamos, estamos investigando a experiência de vocalização do texto poético vivenciada no Projeto Invasão Cultural, uma experiência na linguagem, a partir dos dizeres dos estudantes protagonistas do ato enunciativo. Se há uma afirmação que diz que o aspecto vocal é condutor dos demais é porque a realização completa da língua está nele e para reportarmos para uma investigação que analisa processos de sala de aula, não há como negar que esse aspecto vive nela, principalmente, porque o aspecto vocal em nossa investigação é visto como elemento da experiência na linguagem, a ser acessado pelos dizeres dos estudantes protagonistas do ato enunciativo. Não há como negar que a sala de aula é um campo fértil para analisar a materialidade discursiva e enunciativa, principalmente, quando se é motivado por um projeto intitulado *Invasão cultural*, que amplia ainda mais essa inter-relação da presença do outro, através da vocalização do texto poético escrito. Além disso, essa observação da materialização do discurso implica refletirmos acerca do imaterial da língua, parte invisível, parte imensurável, mas que se projeta nos arranjos vocais integralizadores das formas e funções: “destacar *emissão e percepção*, o que coloca novamente no centro de sua discussão a intersubjetividade e a comunicação de significados evocada pela emissão vocal do locutor em relação ao outro e, principalmente, o fato de se tornar acessível a experiência de um falante a outro” (DIEDRICH, 2015, p.43). A autora alia, via aspecto vocal, língua-cultura-sociedade. Dessa forma,

depreendemos que a relação com o outro, no seio de uma cultura, leva o locutor a emissões de cunho vocal, as quais mobilizam sentido, na acolhida por um outro que partilha de determinados valores culturais e que, portanto, se acha em condições de empreender esforços na busca do entendimento (DIEDRICH, 2015, p. 47).

Nesse caso, esse sentido que é partilhado com o outro envolve valores *culturais*. O que seriam esses *valores culturais*? Eles estão atrelados à ideia de indivíduo e sociedade imprimindo o significado da vida na língua, pois “é impossível descrever sociedade, descrever a cultura, fora de suas expressões linguísticas” (BENVENISTE, 1989, p. 98).

Somos, assim, autorizados a pensar que a cada nova vocalização do texto poético há a atualização da língua na experiência humana enunciativa, mesmo que essa vocalização, num primeiro olhar, pareça ser repetida. Ora, para Benveniste, essa repetição não existe, pois “para o mesmo sujeito, os mesmos sons não são jamais reproduzidos exatamente, e que a noção de identidade não é senão aproximativa mesmo quando a experiência é repetida em detalhe” (BENVENISTE, 1989, p. 83). Isto fica claro para nossa investigação: a cada vez que o locutor se apropria do texto poético escrito e vocaliza, ele se transforma em sujeito que evoca e produz um novo discurso.

Estando clara essa questão, a partir do estudo já trilhado, lembramos que pretendemos investigar a experiência de vocalização do texto poético vivenciada no Projeto Invasão Cultural, uma experiência na linguagem, a partir dos dizeres dos estudantes protagonistas do ato enunciativo, o que nos permite associar tal propósito ao fato de que a constituição da materialidade se dá através de elementos vocais e pela imaterialidade evocada pelo ouvinte, mas também pelo falante. Não temos dúvida de que a construção da experiência humana, através da vocalização do texto poético escrito, permite que se materialize o discurso e permite também a materialização de novos discursos, reveladores de tal experiência do homem na linguagem, como pretendemos mostrar com esta investigação. Por essa razão, entendemos que se faz necessário, neste momento, voltarmos-nos para o conceito de vocalização.

2.3 VOCALIZAÇÃO

Nesta seção, a partir do estudo acerca do aspecto vocal da enunciação, chegamos ao conceito de vocalização, o qual se volta, em nossa pesquisa, ao texto poético escrito na busca de respondermos à seguinte questão: o que revelam os dizeres dos estudantes sobre sua experiência de vocalização do texto poético, uma experiência na linguagem, vivenciada no Projeto Invasão Cultural?

Precisamos dizer que, para outras áreas do conhecimento, como ocorre na área da saúde, por exemplo, o termo pode assumir outro significado, porém, no universo das

pesquisas linguísticas na área da enunciação, ele configura uma expressão resultante dos estudos acerca do aspecto vocal da enunciação, no escopo dos trabalhos benvenistianos, como um dos aspectos fundamentais para realização completa da língua.

Para avançarmos ainda mais em nossa discussão, voltamos nosso olhar para trabalhos que já foram desenvolvidos nesse aspecto de uma perspectiva possível de se explorar a *vocalização*¹⁰ como parte integrante e fundamental para a enunciação. Dessa forma, encontramos suporte na Tese de Doutorado de Juchem:

A vocalização do escrito é, assim, um meio pelo qual se chega a uma (re)escrita em voz alta, que nasce no instante mesmo em que o texto escrito é vocalizado. Ou seja, a leitura, que se dá por meio da realização vocal da escrita, é ouvida. Logo, a escuta se torna também critério da escrita, porque esta é vocalizada. A (re)escrita começa bem ali onde a voz (re)produz os sentidos gráficos (JUCHEM, 2017, p. 28).

Percebemos que a afirmação da autora vem ao encontro do que buscamos, pois a vocalização do escrito é a materialização, se refere ao aspecto vocal referido por Benveniste (1989) em *vocalização da escrita*; a partir dessa conceituação avançaremos, porque em nosso trabalho desenvolvemos uma investigação que se assemelha ao que diz Juchem (2017).

Juchem (2017) parte da questão de pesquisa: o que é a escrita se considerada a interdependência enunciativa *entre os atos de falar, ouvir, escrever e ler*? A autora se propõe responder essa problemática, contextualizando seu objeto de estudo, circunscrita ao âmbito do ensino, de modo a refletir sobre como os vestígios de uma história constituída *na e pela* linguagem produzem efeitos no ensino-aprendizagem de língua materna e na produção de textos escritos pelo aluno, uma vez que ele é resultado da relação pessoa-espaco-tempo que funda a experiência humana na linguagem.

A autora inspirou todo o seu estudo enunciativo em Émile Benveniste, considerando como pressuposto teórico fundamental que os atos enunciativos de fala, escuta, escrita e leitura constituem em complementaridade a condição humana na sociedade, especificamente na universidade, visto que a linguagem supõe a interdependência entre essas modalidades de emprego da língua pelo homem em sua constituição como falante.

Juchem estrutura sua investigação em três noções benvenistianas: *intersubjetividade*, que torna possível a comunicação linguística e sua atualização no discurso; a *temporalidade*

¹⁰ Segundo Juchem (2017, p. 28), o termo *vocalização* parte de um ponto de vista linguístico-enunciativo à luz da teoria benvenistiana, pois nos inspiramos na expressão do linguista “aspecto vocal da enunciação”. A junção de *vocal* com *enunciação* permitiu-nos considerar o termo *vocalização* como mais próximo da perspectiva teórica deste estudo. Constitui-se, assim um deslocamento teórico operado pela autora.

da língua, que possibilita ao homem se historicizar na língua-discurso; e a *relação de interpretação*, cuja faculdade metalinguística, que a fundamenta, permite ao homem se tornar intérprete de sua língua para (re)inventar-se na sociedade com sua cultura.

Juchem (2017) tomou como corpus de análise três fatos enunciativos de linguagem de uma aluna universitária, coletados no Programa de Apoio à Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e articulados a três instâncias analíticas: a escrita, relacionada ao texto escrito; a voz, atrelada à *vocalização do escrito*; e a escuta, vinculada aos discursos sobre a vocalização do escrito. A autora afirma que a *vocalização do escrito* reorganiza as relações entre os atos enunciativos em ler/falar e escrever/ouvir em virtude da interdependência enunciativa que se instaura em sala de aula no eixo metodológico escrita-leitura/vocalização-escuta-(re)escrita nasce no instante mesmo em que o texto escrito é vocalizado. Percebemos que ela trabalha com a vocalização do que os alunos escrevem. Um dado importante que percebemos no trabalho de Juchem (2017) é essa afirmação de que o professor não se vê apenas como usuário do conhecimento produzido por outros pesquisadores, mas um professor que se propõe também produzir novos conhecimentos a partir de sua prática efetiva junto ao aluno em sala de aula, e dessa forma, o conhecimento é construído e reformulado coletivamente à medida que se institui o processo de ensino-aprendizagem, ou seja, salienta a importância do professor-pesquisador.

A autora trabalha com a possibilidade metodológica da realização vocal da escrita que é ouvida; logo, a escuta se torna também critério da escrita, posto que esta é vocalizada. A *(re)escrita em voz alta* começa bem ali onde a voz (re)produz os sentidos gráficos, inscrita num movimento de retrospecto e prospecto, que (re)faz, pela vocalização, os sentidos do texto escrito e, ao mesmo tempo, projeta a re-escrita gráfica. Eis o lugar da escrita na (re)significação do aluno na linguagem. Por isso o trabalho de Juchem (2017) torna-se importante para a nossa investigação, pois parte da vocalização do texto escrito como semantização da língua. O seu estudo foca na experiência enunciativa do texto escrito do estudante, trazendo uma perspectiva linguística teórico-metodológica, que põe o professor-pesquisador como protagonista da investigação.

Em nossa investigação, temos clareza de que o poeta se apropria da língua para escrever, uma das formas de semantização da língua através da escrita, a cada vez que nós tomamos esse discurso e o atualizamos, numa experiência de *vocalização desse escrito*, ou seja, quando falamos esse texto em voz alta, atualizamos esse discurso, pois, “os mesmos sons não são jamais reproduzidos exatamente, e que a noção de identidade não é senão

aproximativa mesmo quando a experiência é repetida em detalhes” (BENVENISTE, 1989, p.83). Isso significa admitir que a cada experiência linguística é semantizado um novo discurso e é nessa experiência que o discurso se renova. No caso do texto poético escrito, o texto continua sendo do escritor, porém pela apropriação da língua a experiência poética de vocalização introduz um novo locutor e o transforma em sujeito através da realização do vocal.

No caso de um artista e, ou poeta, podemos perceber que um locutor, que pode ser ele mesmo em momentos diferentes, se apropria da vocalização da sua canção, e através de uma experiência da significação da linguagem, a cada momento (aqui e agora) que ele vocaliza o mesmo discurso, este se transforma em atualização de um novo discurso.

Insistimos na clareza do conceito de *vocalização do escrito*, apresentado por Juchem (2017), porque ele ilumina nossa investigação, uma vez que ela envolve uma experiência com um texto já escrito. Embora saibamos que o escrito, segundo Benveniste, é uma forma de semantização da língua, queremos mostrar que quando um locutor vocaliza esse escrito poético acaba estabelecendo novos sentidos:

[...] a *vocalização do escrito* ressignifica o discurso escrito, na medida em que retorna aos procedimentos de sintagmatização-semantização na transmutação de novos sentidos em vista da constituição de nova referência, visto que aquele que lê junta e separa unidades do que lê conforme o sentido que confere ao seu ato enunciativo de leitura (JUCHEM, 2017, p. 99).

A autora afirma ainda que no ato que o locutor se apropria do escrito ele passa a ser sujeito que renova o discurso, ou seja, o locutor faz “novamente” a passagem a sujeito no ato de *vocalização do escrito*, evidenciando de que modo essa “certa relação” se renova no discurso.

Em nosso percurso, entendemos que quando um locutor se apropria da língua por meio do texto poético escrito e vocaliza, ele evidencia uma interdependência enunciativa com o outro, através de arranjos individuais, transformando-se em sujeito do discurso. Essa vocalização não se resume apenas a *sons emitidos*, mas em *sons emitidos e sons percebidos*, porque sempre na experiência na e pela linguagem haverá uma troca. Assim, afirmamos que num *Projeto de Invasão Cultural* tendo a *vocalização* do texto poético para alguém escutar, a experiência humana na e pela linguagem se renova, porque a *emissão dos sons* terá outra finalidade, porque assume a interdependência linguística com o outro na *recepção*.

O trabalho aqui apresentado parte da concepção de que, num projeto de vocalização do texto poético, o aluno vive uma experiência humana significativa na e pela linguagem, tal qual afirma Juchem: “Sob essa ideia de o homem viver uma história e ser produtor de histórias” (JUCHEM, 2017, p.13). Porque nesta perspectiva que estamos apresentando, é possível que o aluno viva uma experiência humana linguística, assim construindo uma história de significações na e pela linguagem, “Para ele, fazer história só é possível pela capacidade de traduzir a existência humana em experiência, de viver e produzir experiências ‘originais’ (JUCHEM, 2017, p.13). A autora deixa claro que por si só o homem já apresenta uma capacidade de produzir histórias na e pela linguagem, e a sala de aula torna-se um ambiente fértil para explorar ainda mais essa capacidade. Além do que, essa experiência humana de linguagem transforma os indivíduos em sujeitos de suas próprias histórias. Assim, também, retomamos a ideia de troca estabelecida pela intersubjetividade, pois o princípio enunciativo da linguagem estabelece que sempre há sempre um homem disposto a falar com o outro e eles estão na linguagem.

Entendemos que a linguagem faz a vida do homem e é ela que permite a vivência de experiências linguísticas e, por isso, trazemos como corpus de pesquisa os depoimentos dos estudantes protagonistas de um projeto que tem como fio delineador a vocalização do texto poético escrito, num trabalho educacional. Nesse sentido, somamo-nos à ideia que traz a autora, “um lugar é morto quando não produz histórias e não evoca memórias”, evoco a *sala de aula* como o lugar que me constituiu como aluna, professora e pesquisadora – um *lugar vivo* que produziu em mim a memória de um *desejo* de escrita: de escrever-me em textos na escola, na sala de aula” (JUCHEM, 2017, p.15, grifo da autora). Acreditamos que a sala de aula se oferece como um excelente espaço de reflexão linguística, porque a escola é a vida daqueles que integram a educação e a vida deve ser apresentada com experiências humanas com significantes. Por que não aproveitar para realizar um projeto na escola que valorize ainda mais a relação com o outro, implantando a troca de experiências significativas a partir da linguagem?

Na perspectiva da *vocalização do texto poético escrito*, entendemos que é a atualização do discurso a cada vez que se vocaliza o mesmo texto, porque o discurso é sempre renovado. Este trabalho tem como eixo norteador um dos aspectos fundamentais da enunciação como o *aspecto vocal* e sendo desdobrado na vocalização. Para isso, tomamos direcionamento numa pergunta que Silva (2016, p.15) fez em seu artigo intitulado *A conversão da língua em discurso: enunciar para significar*: “Como o aluno pode continuar a

sua história de enunciações, para se fundamentar como sujeito em sua língua materna, em novas experiências de significação na linguagem em sala de aula?” Esse artigo de Silva tem se tornado um marco para nossa investigação porque ele possibilita novas leituras a partir dos princípios enunciativos de Benveniste e amplia o olhar chegando até a apontar caminhos para uma abordagem teórico-metodológica de ensino da língua na sala de aula, a qual vem ao encontro do trabalho que estamos desenvolvendo, pois queremos nos fixar na teoria enunciativa benvenistiana, porém pretendemos lançar luz ao ensino de língua apresentando novas possibilidades de trabalho que renovem as experiências humanas na escola.

No próximo capítulo, abordaremos os princípios metodológicos da pesquisa. No centro desses princípios, encontra-se especificidade do *Projeto Invasão Cultural*, que é parte fundamental da investigação. Esse projeto remete a historicização, processo no qual se entrelaçam alguns aspectos: na construção da história de enunciações, na descoberta de novas experiências de significação na linguagem. De que forma o homem inscreve-se em sua história? Pela vocalização do texto poético escrito é possível enunciar novos discursos produzindo novos sentidos transformando o dizer em experiência humana na linguagem, pois “historiciza-se na linguagem devido ao fato de, a cada ato de enunciação, viver uma nova experiência única que está no trânsito da língua ao discurso” (SILVA, 2016, p. 17). Silva salienta ainda que “nessa passagem, o homem inscreve a sua história em uma experiência de linguagem com outros para se instaurar como sujeito e ser histórico”. Tais observações amparam a nossa pretensão investigativa de contribuir para a pesquisa no campo enunciativo e para possibilitar novos olhares no ensino.

3 FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS: A VIVÊNCIA DO POÉTICO

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos da pesquisa, no qual detalhamos o projeto *Invasão Cultural*, com o intento de mostrar como o locutor que se apropria da língua transforma-se em sujeito na linguagem. Para tanto, consideramos importante não apenas especificar as etapas do projeto, mas também explicitar o conceito de poético com o qual estamos trabalhando, pois ele se imprime em toda a ação da pesquisa realizada.

3.1 O POÉTICO E SUA VOCALIZAÇÃO

A concepção de poético com a qual trabalhamos nesta pesquisa ultrapassa o que o poético em geral representa, tradicionalmente, a partir do termo poesia. Em nossa investigação, trabalhamos com linguística e poética, desse modo, precisamos estabelecer parâmetros para desenvolver essa concepção à luz de autores que se ocuparam em conceituar o termo “poética” nesse universo.

Em Jakobson (2007), mais especificamente no texto intitulado *Linguística e Poética*, vemos a *Poética* como parte integrante da *Linguística*, pois “[...] numerosos traços poéticos pertencem não apenas à ciência da linguagem, mas a toda a teoria dos signos, à Semiótica geral. [...] é válida tanto a arte verbal como para todas as variedades de linguagem” (JAKOBSON, 2007, p.118). Percebemos que Jakobson não trata da metodologia do ensino em si, mas, a partir de seus princípios, podemos voltar nosso olhar para o ensino, em especial, teorizar a vocalização do poético na sala de aula de língua.

Acreditamos que com um trabalho de ensino de língua que privilegia o poético é possível que tenhamos seres mais humanos, mais críticos e com uma possibilidade de formação de caráter mais ampla. Pois com esse trabalho de vocalização é acionado o imaterial da língua que permite um transbordamento, que extrapola possibilitando através da experiência na e pela linguagem o aflorar da sensibilidade. As relações humanas na sociedade estão regadas de mediocridade, de violência e, muitas delas, maquinizadas, por isso, o ambiente escolar precisa promover experiências com a linguagem que levem à humanização dos seres. Nesse sentido, o trabalho com elementos advindos da experiência com o poético abre possibilidades de ensino com a linguagem efetiva. Assim, Jakobson (2007, p.122) afirma que “a linguagem deve ser estudada em toda a variedade de suas funções. Antes de discutir a

função poética, devemos definir-lhe o lugar entre outras funções da linguagem. [...] é mister uma perspectiva sumária dos fatores constitutivos de todo processo linguístico, de todo o ato de comunicação verbal [...]”. Percebemos que nada mais adequado usar a poética para que os alunos percebam um processo de uso efetivo da língua. Por isso, usar as noções de poética de Jakobson para o ensino da língua se anuncia como um olhar bastante produtivo para perceber o processo linguístico, pois

na Poética como na Lingüística, não se ocupa apenas de mudanças, mas também de fatores contínuos, duradouros, estáticos. Uma Poética histórica ou uma história da linguagem verdadeiramente compreensiva é uma superestrutura a ser edificada sobre uma série de descrições sincrônicas sucessivas (JAKOBSON, 2007, p. 120).

Cabe dizer a partir do linguista que a linguística está para a poética e vice-versa, pois não há como separá-las, pois há uma possibilidade inevitável de construção da experiência humana na vivência dessa linguagem, pois não há justificativa em separar a linguística da poética.

A insistência em manter a Poética separada da Lingüística se justifica somente quando o campo da Lingüística pareça estar abusivamente restringido, como por exemplo, quando a sentença é considerada, por certos linguistas, como a mais alta construção analisável, ou quando o escopo da Lingüística se confina a gramática ou unicamente a questões não-semânticas (JAKOBSON, 2007, p.120-121).

Filiamo-nos ao pensamento de Jakobson (2007), porque nosso intuito é exatamente unir Poética e Linguística para demonstrar que, através da vocalização do texto poético escrito, há a possibilidade de construir novos discursos, transformar locutores em sujeitos numa experiência de translingüística.

a função *poética* da linguagem essa função não pode ser estudada de maneira proveitosa desvinculada dos problemas gerais da linguagem, e por outro lado, o escrutínio da linguagem exige consideração minuciosa da sua função poética. Qualquer tentativa de reduzir a esfera função poética à poesia ou de confinar a poesia à função poética seria uma simplificação excessiva e enganadora (JAKOBSON, 2007, p. 127).

A partir dos estudos de Jakobson (2007), afirmamos que a poética com a qual trabalhamos não pode ser resumida a poesia, pois o autor deixa claro que é um equívoco pensar que a poética é sinônimo de poesia. “A função poética não é a única função da arte verbal, mas tão somente a função dominante” (JAKOBSON, 2007, p.127). A noção de poética com a qual trabalhamos no Projeto Invasão Cultural traz uma proximidade com a arte, na

vocalização do texto. Tão pouco a linguística possa limitar-se a poesia, pois a função poética e a linguística devem ser tratadas na transcendência da linguagem, passando pelo caráter material dos signos e chegando ao imaterial que evoca os sentimentos.

Para Diedrich (2020), a poética se cumpre no dizer do falante que se realiza na experiência através da linguagem com o outro por meio de arranjos vocais, porque o poético não preexiste, ele se constitui no dizer, pois é enunciativo. Esse dizer é constituído na evocação. Ainda em Diedrich (2015), observamos que, a partir dos estudos enunciativos de benvenistianos, a autora salienta que a materialização da poética implica refletirmos acerca do imaterial da língua, parte invisível, parte imensurável, mas que se configura nos arranjos vocais integralizadores das formas e funções: “destacar *emissão e percepção*, o que coloca novamente no centro de sua discussão a intersubjetividade e a comunicação de significados evocada pela emissão vocal do locutor em relação ao outro e, principalmente, o fato de se tornar acessível à experiência de um falante a outro” (DIEDRICH, 2015, p. 43). A poética se constitui nessa experiência do falante com o outro via arranjos da língua-discurso que se voltam para eles mesmos.

Organizamos a seguir um quadro síntese a partir das reflexões apresentadas até aqui acerca da noção de poética, para facilitar o entendimento do que pretendemos afirmar quando nos referimos à vocalização do texto poético.

O intuito aqui é conceituar a noção de poética assumida nesta investigação para, de posse dela, olharmos para a vocalização do texto poético escrito no Projeto Invasão Cultural.

| Poética |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>a) A poética não é sinônimo, apenas, de poesia, pois a poética se sobrepõe a própria função poética (caracteriza-se pela ênfase dada à própria configuração da mensagem, isto é, à seleção e a combinação singular dos elementos do código a cada ato de fala).</p> <p>A poética vai além da poesia, pois a ela permeia todas as funções da linguagem, compreendendo todas as atividades que a arte possibilita. Ela funciona como um acessório constituinte de todas as funções linguísticas: emotiva, poética, referencial, fática, metalinguística e conativa. Porém vale ressaltar que no texto poético há uma manifestação latente da função da poética.</p> <p>b) A poética está na linguística.</p> <p>Podemos dizer que a poética é parte da linguística. Qualquer tentativa de separação é considerar que poética não constitui linguagem. E é na manifestação do falante que a poética</p> |

se materializa. No nosso trabalho de vocalização do texto poético escrito, no momento que o estudante (falante) vocaliza na relação com o outro (colega, escolas, público dos eventos e pais), a poética se materializa.

- c) A poética ultrapassa o caráter dos signos e chega ao imaterial da linguagem, o qual evoca os sentimentos.

A experiência na linguagem traz a significação, pois é nela e por ela que o sujeito se reconhece. Uma poética está ligada à experiência humana na linguagem, como ato individual, tendo a atividade linguística como eixo central. A poética é o nosso mote de investigação linguística, pois acreditamos que realmente o poético, a vocalização do poético está ligada a *evocação* usada por Benveniste (1991) e é nessa *evocação*, que paira o princípio do *imaterial da língua*, trazido como forma deslocada por Diedrich (2015), que contempla uma relação de metonímia, evocando diferentes sentimentos e emoções, causando choro, riso e, até mesmo, espanto, isso é o inapreensível, isso é o poético.

- d) A poética se cumpre no dizer do falante através de arranjos vocais.

A poética não preexiste, portanto ela se constitui no momento da enunciação, porque quando ela se materializa no dizer do falante. Por isso, acreditamos que quando o estudante (falante) vocaliza o texto poético escrito, na relação com o outro, a poética se constitui.

Fonte: Autor, 2020

Na seção subsequente, apresentaremos as etapas que fazem parte do Projeto Invasão Cultural, dando dimensão de como o Projeto se realizou nas escolas. Traremos junto com as etapas, um histórico do Projeto Invasão Cultural, demonstrando como e quando este projeto nasceu.

3.2 PROJETO INVASÃO CULTURAL – A AÇÃO PEDAGÓGICA EM MEIO À PESQUISA

3.2.1 Tema

Vocalização do texto poético escrito

3.2.2 Objetivos

Promover o gosto pelo texto literário e pela experiência de vocalização do texto literário, mais especificamente, do texto poético, a partir da vivência no Projeto Invasão Cultural.

3.2.3 Escola e Turma

O Projeto Invasão Cultural foi desenvolvido nos anos de 2015 a 2019 em três grandes escolas estaduais de Passo Fundo, com um número de alunos entre 1000 a 1600. Os depoimentos que analisamos são de alunos do Segundo Ano do Ensino Médio em três escolas de Passo Fundo: Escola Estadual de Educação Básica Nicolau de Araújo Vergueiro, Colégio Estadual Joaquim Fagundes dos Reis e Instituto Estadual Cecy Leite Costa a seguir descritas.

Em 2015, o projeto foi desenvolvido numa das maiores escolas de Passo Fundo, Escola Estadual de Educação Básica Nicolau de Araújo Vergueiro. Localizada no centro da cidade de Passo Fundo, na Rua Paissandú, mais conhecida por EENAV. É uma escola que apresenta estrutura similar a de uma escola privada. A EENAV como é conhecida oferece toda a estrutura necessária para o conforto e desenvolvimento educacional dos seus alunos, como por exemplo: Internet, Banda Larga, Parque Infantil, Biblioteca, Laboratório de Ciência, Laboratório de Informática, Área Verde, Sala do Professor e Alimentação. É uma escola que possui o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) acima da média da cidade e do país. Criada em 1929, por meio de um decreto do então Presidente do Estado, Getúlio Vargas, inicialmente ela foi chamada de Escola Complementar de Passo Fundo. Recebeu esse nome para homenagear o médico Passo-fundense, Nicolau de Araújo Vergueiro. em que seu hospital era onde hoje é a sede da escola. Recebe em torno de 1600 alunos advindos de várias regiões da cidade. Os depoimentos coletados são de alunos do Ensino Médio, porém vale ressaltar que a escola forma professores para atuarem nas séries iniciais, o curso chama-se Magistério. Essa foi a Terceira escola de Passo Fundo. Completou 90 anos em 2019.

Em 2016 e 2017 projeto de vocalização do texto poético escrito aconteceu com alunos do Colégio Estadual Joaquim Fagundes dos Reis. Essa escola completou 92 anos. A história foi iniciada em 28 de junho de 1928, com o Decreto de Criação do Grupo Escolar do

Boqueirão. A escola, no entanto, só nasceu três anos depois, no velho casarão da Avenida Brasil. Essa escola recebe alunos advindos de vários bairros de Passo Fundo, com uma média de alunos de acima de 1000. Durante esse tempo, a instituição teve mudanças no nome. De Grupo Escolar do Boqueirão, ela foi chamada de Grupo Escolar Joaquim Fagundes dos Reis, em 1979, e de Escola Estadual de 1º e 2º Graus Joaquim Fagundes dos Reis, a partir de uma unificação do Grupo Escolar do Boqueirão e da Escola Estadual de 2º Grau de Passo Fundo, antigo Colégio Comercial. A última modificação no nome, com a alteração de escola para colégio, foi feita em 2000, quando a instituição também passou a oferecer curso técnico de contabilidade.

O último ano em que o projeto aconteceu em que contemplam os depoimentos desta pesquisa foi no Instituto Estadual Cecy Leite Costa, uma das mais tradicionais escolas públicas de Passo Fundo, completa 55 anos de atividade educacional. A história do Instituto tem seu marco inicial em 10 de junho de 1965, com o nome de Ginásio Vocacional Moderno, junto ao Grupo Escolar Salomão Iochpe. As atividades desse estabelecimento de ensino tiveram início sob a Direção da Professora Santina Dal Paz, composta por dois professores e 107 alunos. Em 1966, inaugurou-se o atual prédio na Avenida Presidente Vargas, no Bairro São Cristóvão, com a denominação de Ginásio Estadual Cecy Leite Costa. E em outubro do ano de 2000 a Escola, passou a denominar-se Instituto Estadual Cecy Leite Costa. Em 2011, o Instituto passou a oferecer a comunidade o Curso de Ensino Médio e o Curso Técnico em Eletrônica – Área da Indústria. Atualmente, o Instituto Cecy atende somente alunos do Ensino Médio nos três turnos diários, advindos de todos os bairros de Passo Fundo. O corpo docente é composto por 70 professores, 16 funcionários e mais de 1.000 alunos, distribuídos em 37 turmas. A escola ajudou a formar ilustres passo-fundenses, dentre eles, o deputado estadual Juliano Roso e o jornalista Acácio Silva, Mateus Rodighero e Taís Rizzotto.

3.2.4 Período de realização

Os depoimentos foram resgatados a partir da realização do Projeto Invasão Cultural entre os anos de 2015 a 2019, em três grandes escolas estaduais de Passo Fundo. Todos alunos do Segundo Ano do Ensino Médio.

3.2.5 Histórico do Projeto

Lembramos que, na introdução desta dissertação, já apresentamos um breve histórico do projeto, visto a necessidade de apresentá-lo como motivação para a constituição de um professor-pesquisador, o que envolve a historicidade desse homem criado pela e na linguagem. Porém cabe explicar nesta seção os termos que formam o nome do Projeto “Invasão Cultural”. Em Ferreira (2001), o termo Invasão aparece como: “ato de penetrar (em local, espaço etc.), ocupando-o pela força”. E cultura, que está atrelado ao adjetivo cultural: “O complexo dos padrões de comportamentos, das crenças, das instituições, das manifestações artísticas, intelectuais”. Os termos escolhidos para compor o nome desse trabalho que leva a vocalização do texto poético escrito foram propositais porque entre a *invasão* e o *cultural* há uma ideia paradoxal. No primeiro momento em que as pessoas escutam o termo invasão, causa-lhes um certo estranhamento, porque o termo remete, já visto no seu significado, trazido pelo dicionário, que é ocupar lugares espaços pela força. Trazemos aqui uma fala de uma professora de uma determinada escola, pois a cada término da apresentação dizemos: “Vocês acabam de serem invadidos pela arte, pela poesia, pela literatura. Entramos de surpresa, muitos ficaram chocados, outros emocionados, mas a arte, o poético é isso, sempre causa reações diversas”. Quando terminamos de dizer isso, a professora nos disse: “Ainda bem que essa *invasão* é com arte e literatura”. Nesse projeto, notamos realmente que há uma invasão, de fato, pois no ato da invasão há uma travessia realizada para se chegar ao pertencimento. Há que se quebrar barreiras, transpor paradigmas educacionais para que a cultura, a arte, a literatura e a poesia, num sentido mais amplo, a poética encontrem seus pertencimentos. Para invadir existe um movimento, um planejamento, uma organização e um objetivo a ser seguido. Nessa invasão, há uma dispersão no início, ela provoca medos, sentimentos de insegurança para depois a posse. Nesse ato de invasão, evidenciam-se o invasor e o invadido. Há um sentido de ser invadido, e essa invasão é obrigada pela linguagem que provoca um transbordamento, trazido pela vocalização do texto poético. Esse transbordamento não está só na voz, ele vem complementado pela pintura do rosto, pelo visual da vestimenta, pelos gestos que se somam à linguagem da vocalização. Assim, quando fazemos a invasão, desfazemos as divisões, rompemos barreiras, “cercas” e “alambrados”. Esse rompimento é dado pelo ato enunciativo que evidencia a relação de sentido entre: a) falante-língua, b) falante-língua na manifestação poética, c) falante-outro. Nessa vocalização do texto poético, que se concretiza através da língua em uso, realiza-se, portanto, uma

performance de invasão. Quem é invadido? Num primeiro momento, respondemos, sem sombra de dúvida, que são os colegas estudantes das escolas, o público dos teatros, das feiras de livros e da universidade, porém não há como negar, pra quem estuda a linguagem, que, ao mesmo tempo que o estudante invade, ele também é invadido numa experiência significativa na e pela linguagem, por isso, o foco de análise é o depoimento do estudante que vocaliza.

Nesta seção do trabalho, apresentamos de forma detalhada as etapas trilhadas para chegarmos nos dizeres dos falantes envolvidos nesta experiência significativa na e pela linguagem, na busca da resposta a nossa questão central: O que revelam os dizeres dos estudantes (falantes) sobre sua experiência de vocalização do texto poético, uma experiência na linguagem, vivenciada no Projeto Invasão Cultural?

3.2.6 Etapas do Projeto

Etapa A – Diagnóstico Inicial

- Como as atividades se realizaram nas turmas em que fui professor, o diagnóstico inicial envolveu já uma relação constituída na escola, uma vez que os estudantes da turma já conheciam o projeto Invasão Cultural e em sua maioria aguardavam ter aulas comigo para também participarem das performances. Assim, inicialmente, partimos de uma conversa com os alunos sobre língua, linguagem e poética. Nas primeiras aulas fez-se uma espécie de imersão, toda uma sensibilização na apresentação ao estudo da Literatura e da Língua Portuguesa: o professor perguntou para os alunos escreverem o que é Literatura para eles? O professor colocou todos os conceitos esboçados pelos alunos e a partir das palavras deles foi ampliando para que de fato eles pudessem chegar na associação de que Literatura e Língua estão intimamente. Na associação dos conceitos o professor relacionou um com o outro (os alunos colocaram como respostas: contação de histórias, poesia, palavras, uma matéria que a gente estuda, música, textos, leitura, escrita, cultura, expressão, sentimentos e emoções). O professor devolveu em forma de pergunta: Essa cultura, as emoções e os sentimentos, como elas vão parar nos livros? Como se concretizará isso nos livros? O professor continuou insistindo em forma de questionamentos para motivar a percepção dos estudantes. Literatura é considerada arte, seria arte do que? Assim eles se deram conta que a Literatura se materializa na palavra. Depois disso, o professor perguntou o que seria Língua Portuguesa? As respostas dos estudantes foram: Gramática, escrever

textos, verbos, é o que usamos para nos comunicarmos, modo de estudar a fala brasileira, pronúncia das palavras, é a fala correta. Em seguida o professor colocou todas as respostas deles no quadro e disse que uma das possibilidades da materialização da Língua está na Literatura, pois é a concretude da língua. Logo o professor vocalizou o poema “Funeral Blue” de W. Auden, e perguntou: o que é isso que acabei de declamar? Eles disseram que são sentimentos, emoções. E logo o professor questionou em que língua esses sentimentos estão concretizados? Então o professor reforçou que isso é língua e literatura. Na outra aula o professor vocalizou a música de Renato Russo, “Dezesseis” e analisou o texto fazendo com que os alunos observassem que ali está exposto o sentimento e emoções, cuidadosamente colocados em palavras e que é possível também a identificação de vários elementos como: lugar geográfico onde o texto se passa, a cultura, a época e comportamentos sociais. O professor reiterou que por isso é impossível desassociar Literatura de Língua, seja ela em qualquer lugar do mundo, para isso, o professor vocalizou o poema em espanhol, “Anoche” de Idea Vilariño, escritora renomada do Uruguai, em seguida vocalizou “My heart will go on”, em inglês, música de Celine Dion, para mostrar que ali está a língua e também a arte da palavra. Assim, o professor quis que os alunos percebessem o estudo da Língua e da Literatura de forma diferente. Eles ficaram sensibilizados. Depois de tudo isso, o professor encaminhou perguntas para que eles respondam de forma escrita:

- a) Você gosta de poesia? Por quê?
- b) Você já disse uma poesia em voz alta? Como se sentiu?
- c) Ler silenciosamente um texto poético escrito e dizer o mesmo texto em voz alta para outros ouvirem são experiências diferentes? Por quê?
- d) Você dá especial atenção para que aspectos? Por quê?

Etapa B

- Numa etapa subsequente, o professor levou os alunos para a biblioteca e disponibilizou muitos livros de poesia de diferentes autores e aí iniciou uma tentativa de que eles se identificassem com alguns textos poéticos. Enquanto eles iam explorando os livros, o professor circulava entre as mesas e leu, com entonação diferenciada, alguns poemas e perguntou o que os estudantes acharam desses textos. O professor levou em conta que na vocalização há determinados arranjos vocais que se

presentificaram para expressar emoções, sentimentalidades. Esses arranjos, em sua maioria, dizem respeito a entonações, silabações, alongamentos vocálicos, cujo uso se encontra institucionalizado, convencionalizado no meio social, mas que se *re-novam* na particularidade de cada dizer. O objetivo desta ação do professor foi justamente levar os estudantes a perceber que a forma como o professor lê é diferente e essa forma imprime novos sentidos ao que está sendo lido.

- Na sequência, os alunos escolheram poemas com os quais mais se identificaram.
- Em casa, os alunos literalmente estudaram e decoraram os poemas escolhidos.
- Nas aulas, com a ajuda do professor, foi trabalhada a imposição da voz e a postura para ficar em frente ao público. Neste Projeto, a gestualidade é levada em conta como constitutiva do dizer, ou seja, trata-se de componente que compõe a vocalização, uma vez que comparece na constituição dos arranjos vocais de forma e sentido na enunciação. A gestualidade se manifesta no vocal: o gestual da sobrancelha, a expressão facial, o movimento da boca, entre outros. Esse ato enunciativo inclui uma corporeidade, por isso, há um transbordamento no uso da língua, pois há uma acentuação da presença assumida pelo professor. O professor produz um contexto imaginário, num primeiro momento, de relação com o outro; e, nesse contexto, o professor salienta aos estudantes que o corpo todo fala e isso deve ser observado. O professor vai chamando os estudantes, um a um e os leva ao palco do auditório da escola. Nesse segundo momento, o contexto não é mais imaginário, pois cada um toma o lugar de destaque frente ao grupo e diz seu poema para a turma. O professor discorre sobre o papel da articulação vocal, propõe caminhos para que os alunos encontrem a melhor forma de vocalização do texto poético, pois o intuito é que os estudantes percebam que o diferencial está na maneira como articulamos as palavras para o público. Não se trata apenas de um exercício de dizer a poesia, mas é muito mais que uma declamação, é vivenciar com o outro a emoção e sentir a sensação que a arte da palavra provoca no ser humano.
- Trata-se de experimentar o belo através da experimentação de uma leitura transcendente, pedagógica e mais humana. Isso é o contato com o indizível que só acontece com a experiência profunda no mundo das artes e, nesse caso, a arte da palavra, que é linguagem, que é língua viva. Com o apoio teórico de Diedrich (2015) entendemos que essa arte (texto poético escrito) vocalizada é movida por arranjos individuais, na manifestação do aspecto vocal da língua. Com base nos princípios

benvenistianos, a autora se refere ao aspecto imaterial da língua, que evoca, que provoca, que revela uma relação metonímica atrelada a outras experiências com a língua. Essa relação, justamente por ser metonímica, pode evocar no outro alguns sentimentos, emoções; em alguns provoca o choro ou o riso, ou até mesmo o espanto, sentimentos que, por eles mesmos, linguisticamente, são inapreensíveis. A apreensão dessa vivência só se torna possível quando promovemos o dizer dos estudantes em torno da experiência de vocalização da poética, em etapa posterior.

- No ponto subsequente, analisam-se os textos do ponto de vista linguístico, enfocando o eixo principal que é o sentido que as palavras exercem poeticamente. Na análise de Benveniste (2005), o sentido é a condição linguística, pois não é possível aprofundar tanto a abordagem de uma unidade até que ela perca seu sentido, assim o trabalho pedagógico se desenvolve com a poesia explorando a rima, o ritmo, mas centrando a análise no sentido que cada palavra estabelece no texto.

Etapa C

- Depois ocorre o ponto culminante do projeto: a parte final, que é a “Invasão Cultural”. A Invasão Cultural consiste em “invadir” salas de aulas, de surpresa, dizendo-se os poemas e cantando-se músicas escolhidas pelos alunos. As invasões ocorrem na escola em todas as turmas e turnos, além das participações através de convites em entidades como: outras escolas de Passo Fundo, Sesc, 7ª Coordenadoria de Educação e Universidade. A periodicidade varia com a programação da escola e dos eventos dos quais recebemos convite. Até mesmo na escola quando somos convidados em eventos que demandem uma apresentação artística: festas e reuniões de pais e professores. O termo “invasão” se deve à imprevisibilidade da ação para a turma, que não sabe de antemão o que vai ocorrer, o que acaba gerando surpresa, susto, enfim, um misto de sensações. Isso também se deve ao poder da linguagem, pois é ela que estabelece a inter-relação com o outro. “A linguagem é para o homem um meio, na verdade, o único meio de atingir o outro homem, de transmitir e de receber mensagem” (BENVENISTE, 1989, p. 93). A ideia do projeto é exatamente essa de viver emoções, experiência na e com a linguagem, experimentando as sensações de transmitir e receber uma mensagem. Assim, no centro da questão, encontra-se a relação entre o eu e o tu: “vemos desta vez na língua sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação,

comunicando a experiência” (BENVENISTE, 1989, p. 229). Neste trabalho de vocalização, buscamos e intensificamos essa relação apontada por Benveniste. Com isso, a língua-discurso produz uma semântica própria, tornando-se, assim, uma significação intencionada, que segundo Benveniste (1989) é produzida pela palavra sintagmatizada.

Etapa D – Avaliação

A partir da entrevista e de depoimentos voluntários dos estudantes envolvidos na ação, o professor com a turma avalia o resultado alcançado com as invasões.

Estando o Projeto assim delineado, voltamo-nos para os aspectos metodológicos de nossa pesquisa. Reiteramos que, devido à inesperada pandemia, fomos obrigados a readequar nossa investigação mudando de uma pesquisa-ação pontual para a análise dos dizeres dos estudantes protagonistas do projeto ao longo de vários anos, partindo do ano de 2015 e chegando até 2019. A análise de dados que já existiam a partir de uma ação histórico-linguística, envolvendo a tríade linguística, poética e ensino que professor-pesquisador ocupa, assim, lugar central. Analisaremos, no próximo capítulo, sete depoimentos, de sete diferentes estudantes de três escolas estaduais de Passo Fundo. Dentre esses depoimentos, analisaremos os comentários emitidos pelos estudantes participantes da experiência significativa na e pela linguagem. Os sete depoimentos constituem, assim, o corpus de nossa pesquisa. Interrogamos esses depoimentos na busca de comentários sobre a experiência de vocalização do texto poético, no que tange às categorias de análise: **a) falante-língua, b) falante-língua na manifestação poética, c) falante-outro.**

Trabalhamos com a noção teórico-metodológica de comentário, segundo Flores (2015), porém com nuances autorais nesta investigação. Flores (2015) afirma que o falante, ao falar da materialidade significativa da língua, produz um comentário que atribui, no discurso, sentido a essa experiência. Temos clareza de que Flores apresenta a noção de comentário para discutir aspectos relacionados à materialidade da voz. Certamente nosso trabalho se distingue em alguns aspectos da proposta do citado autor: primeiramente, porque não estamos propondo comentários acerca da voz em si, mas da experiência de vocalização de textos escritos poéticos; além disso, Flores não se ocupa de uma vivência de linguagem voltada para a escola, uma vez que seu objetivo é outro, é discutir o estatuto de uma antropologia da enunciação. Apesar das diferenças, vemos possibilidade de deslocar a noção

de comentário proposta pelo autor para o escopo de nossa pesquisa, pois, assim como propõe o autor (2015), também nos voltamos para a figura do falante e para seus dizeres acerca de sua experiência na linguagem. Buscamos perceber o que o estudante tem a dizer, antes e depois de ter vivido a experiência na e pela linguagem através do Projeto Invasão Cultural, sendo que a condição para vivenciar esta experiência é a vocalização do texto poético escrito. Assim, “o falante reconhece que uma dada forma significativa tem significado, em uma dada instância enunciativa, no entanto, esse significado não sendo dado pelo semiótico do sistema, resta ser atribuído pelo falante, que reconhece seu valor em uma dada situação” (FLORES, 2015, p. 93). Não temos dúvida de que, a partir da efetivação do projeto, este estudante que protagonizou tal experiência sinte-se confortável para falar sobre o que viveu. O falante é assim testemunha da sua própria vivência na e pela linguagem, neste caso, a experiência de estar vocalizando o texto poético escrito. Assim, comentário, em nosso trabalho, é esse deslocamento que fazemos à luz de Flores (2015): é o comentário (dizer) do estudante sobre a experiência significativa na e pela linguagem vivenciada no Projeto de vocalização do texto poético escrito Invasão Cultural.

Como ação metodológica, portanto, o comentário ganha destaque. Centramos nosso olhar no que o falante tem a dizer sobre a experiência enunciativa vivenciada, a partir de relações de sentido entre: **a) falante-língua, b) falante-língua na manifestação poética, c) falante-outro**. Essas relações, que acabam por nos fornecer categorias de análise do material gerado na pesquisa, advêm dos princípios benvenistianos que nos guiaram até o momento. Fazemos um deslocamento autoral em relação ao que Benveniste propõe envolvendo a categoria de pessoa na relação eu-tu na enunciação. Em nossa pesquisa, optamos por usar falante-outro, pois, no momento em que o estudante protagoniza a vocalização do texto poético frente ao público, assume seu lugar de falante e implanta o outro diante de si. Entendemos que essa denominação condiz com o trabalho de translinguística que estamos nos propondo desenvolver: os estudos da semântica da enunciação, assim, permitem o estudo de uma metassemântica, realidade sobre a qual discorreremos no próximo capítulo.

4. A VOCALIZAÇÃO DO TEXTO POÉTICO: ANÁLISE DOS DIZERES DE QUEM VIVEU A EXPERIÊNCIA

A vocalização do texto poético numa vivência significativa da experiência na e pela linguagem dentro do Projeto Invasão Cultural possibilitou unir a linguística e a poética numa investigação translinguística. Ancorados em Benveniste (1989, p.67), podemos conceituar translinguística “como a ultrapassagem da relação da estrutura e o funcionamento da língua, que se daria através da elaboração da análise dos textos, construída sobre a semântica da enunciação”. Com base em Diedrich (2015), vemos “o prefixo “trans” como veiculador do sentido de “através”: “através da Linguística, chegamos à análise de realidades tradicionalmente concebidas como exteriores ao universo de estudos linguísticos” (DIEDRICH, 2015, p.72-73). No caso de nosso trabalho, essa vivência suscita uma experiência artística e literária, pois ela potencializa a relação enunciativa de emissão e recepção. A vocalização provoca uma enunciação de retorno de quem vocaliza e de quem ouve, esse aspecto é um dos focos da investigação e é a essa relação que pretendemos voltar nossa análise.

Precisamos esclarecer que os estudantes que participaram da invasão cultural, de certa forma, são “invasores” e “invadidos”, porque, antes de tudo, os estudantes vocalizam o texto poético nesta performance de invadir os espaços; mas, somado a isso, há o seguinte fato: o público que recebe esses sons de surpresa e vive a emoção produz uma enunciação de retorno, por isso, os termos “invasores” e “invadidos”. Essa enunciação de retorno é o que torna significativa a experiência na linguagem. A evocação dos sentimentos é percebida com facilidade nos comentários dos estudantes que vivenciaram tal experiência. Apesar do nosso foco ser investigar os dizeres de quem invade, não há como ignorar que está intrínseca a reação de quem é invadido.

Assim, tornam-se corpus de análise os depoimentos de sete alunos do Segundo Ano de Ensino Médio que vivenciaram a vocalização do texto poético na participação significativa em muitos momentos históricos em que o projeto se desenvolveu entre os anos de 2015 a 2019, nas três escolas estaduais: Escola Estadual de Educação Básica Nicolau de Araújo Vergueiro, Colégio Estadual Joaquim Fagundes dos Reis e Instituto Estadual Cecy Leite Costa.

Nesta investigação, mostramos que alguém que propõe um trabalho de vocalização do texto poético, dentro de um projeto, produz conhecimento metodológico acumulado e de

bagagem para o estudo da linguagem, por isso, o professor-pesquisador é aquele que tem propriedade para transformar isso em material de investigação científica, pois a ação permitiu que muitos estudantes que participaram, durante a história do Projeto, trouxessem em seus depoimentos propriedades suficientes para manifestar, no discurso, suas percepções. Esse corpus de investigação resulta de um trabalho de significação, marcado pela intersubjetividade que envolve a enunciação dos estudantes que realizam a performance. Isso advém da relação do ato da vocalização entre falante-língua, falante-língua na manifestação poética e falante-outro.

São essas três relações de sentido que dirigem nossa análise: **a) falante-língua, b) falante-língua na manifestação poética, c) falante-outro**, resultadas da experiência de vocalização do texto poético escrito. Fica claro assim que encontramos Benveniste para reencontrar o projeto.

A análise dos depoimentos dos estudantes segue a seguinte orientação: apresentamos sete depoimentos de sete estudantes colhidos ao longo do desenvolvimento do projeto, mais especificamente, de 2015 a 2019, em três escolas estaduais. Os depoimentos espontâneos foram gerados ao final de cada edição do projeto de vocalização do texto poético escrito, os quais foram registrados em material escrito e compõem o nosso acervo de professor-pesquisador, organizado ao longo dos anos 2015 a 2019, anos em que o projeto foi desenvolvido nas escolas públicas.

Como já afirmado anteriormente, nosso olhar se volta para os comentários acerca da experiência de vocalização do texto poético para entender as relações enunciativas: **a) falante-língua, b) falante-língua na manifestação poética, c) falante-outro**.

Temos clareza de que essas relações estão sempre presentes nos depoimentos dos estudantes cujo discurso é objeto de análise em nossa investigação. No entanto, seguindo a concepção de comentário como elemento condutor de nosso olhar investigativo, acreditamos que há depoimentos dos estudantes nos quais os comentários acerca da experiência de vocalização do poético vivenciada no Projeto Invasão Cultural se voltam de forma mais marcada para uma ou outra dessas três relações. Por essa razão, nossa análise se estrutura a partir da abordagem de cada uma dessas relações. forma mais explícita, em seu discurso, as marcas da relação focalizada em cada momento. Para discussão da relação, selecionamos segmentos do discurso mobilizados no depoimento entendidos em nossa investigação como comentários do falante, os quais aparecem em negrito nos depoimentos.

Depoimento 01 – Ano 2015 – Escola EENAV

Minha experiência com o movimento "Invasão Cultural" foi muito importante e muito satisfatória, pois desde que estava no ensino fundamental tive interesse pelo teatro, contudo não tinha apoio e instrução de um professor qualificado para realizar tal atividade. **Quando chego no ensino médio, no primeiro ano, descubro que um professor de literatura gostava de declamar alguns poemas e/ou histórias**, o qual, **em minha primeira aula na escola nova declamou "dezesseis" (música de Renato Russo), confesso que ri na hora, pois achava tão engraçado e bonito ao mesmo tempo e cada vez que o professor chegava na sala e declamava algo, eu sempre agia da mesma forma. As aulas foram passando e a vontade de aprender, praticar e representar daquela forma só aumentava.** Chegou o dia em que ele convenceu os alunos a declamarem algo em uma das aulas, lembro que todos ficaram com medo e vergonha de realizar tal atividade, mas aos poucos foram perdendo a vergonha e muitos, segundo o professor, deram um show e por consequência disso, surgiu a proposta de que alguns alunos poderiam participar do projeto "Invasão Cultural", na hora me prontifiquei e me coloquei à disposição para participar, assim como a maioria de meus colegas e com isso começamos a perguntar sobre o projeto e descobrimos que se tratava de um movimento que buscava propagar a cultura em forma de música e teatro, não só para nossa, mas para algumas escolas de nossa cidade, se não me falha a memória, foram 5 escolas, além de uma apresentação para professores em um dos auditórios da Universidade de Passo Fundo (UPF); o grupo era formado por cantores, músicos e atores, que trabalhavam a partir de trechos retirados do livro Hamlet de William Shakespeare, onde cada 1 dos atores escolhia uma parte do texto, decorava e na hora da apresentação, declamava! Confesso que foi uma das melhores experiências de minha vida, pois estava fazendo algo que eu realmente gostava e vi que estava fazendo do jeito certo, graças às instruções recebidas do professor nos dias dos ensaios e etc.

Aluno 01**Fonte: Autor, 2015**

Depoimento 02 – Ano 2016 – Colégio Fagundes dos Reis

Tudo começou em 2016 com uma apresentação da Invasão Cultural em minha sala do 1º Ano de Ensino Médio, naquele momento que a arte adentrou minha sala eu soube que eu queria participar de alguma forma daquilo, mas isso só foi ocorrer um ano depois, no início eu achava interessante dizer alguns poemas e textos, mas a cada apresentação em escolas, teatros e palcos eu me apaixonava cada vez mais pela arte e pela liberdade que ela trazia consigo, e graças a ela eu pude perceber que poemas não foram feitos para se ler, mas sim para se vivenciar na pele cada letra, palavra e frase sua. Para mim sem sombra de dúvida o verdadeiro significado da invasão cultural é fazer todos vivenciarem essa sensação de vivenciamento artístico na pele, através de todas as formas de artes, como a música, teatro, poema, etc., mas nada seria possível sem uma das melhores pessoas desse mundo Laercio Fernandes Dos Santos ou Lalá para os mais próximos, que além de um maravilhoso professor, amigo e guia sempre está a disposição de ajudar e aconselhar a todos.

Aluno 02

Fonte: Autor, 2016

Depoimento 03 – Instituto Cecy Leite Costa – 2019

É algo incrível porque a gente recebe as sensações que a gente nunca ia sentir. Sentimento também através do autor que escreve esses sentimentos.

Hoje a gente declama muito poesia, que na verdade eu acho que isso seria você entrar no sentimento de outras pessoas que escreveram poesia.

Aluno 03

Fonte: Autor, 2019

Depoimento 04 – Instituto Cecy Leite Costa – 2019

As aulas do professor Laercio...

Por onde começar?

Como eu sempre falei, as aulas dele me lembram o filme "*Sociedade dos poetas mortos*", por serem aulas dinâmicas, divertidas e que inspiram, fazem despertar o talento que cada um tem dentro de si. São aulas que podemos cantar, dançar, recitar poemas, atuar...

Fizemos **Invasões Culturais**, e aprendemos muito com isso. Levamos cultura em outras escolas.

Aprendemos com ele, que as aulas não precisam ser como nós estávamos acostumados, podemos aprender também, de maneira divertida e que todos participem.

Aluno 04

Fonte: Autor, 2019

Depoimento 05 – Ano 2017 – Colégio Fagundes dos Reis

Projeto Invasão Cultural (experiência)

Meu nome é Leonardo, fui Aluno desse excelente professor chamado Laércio, e hoje vou contar um pouco sobre a minha experiência do projeto "Invasão Cultural". Bom, **foi uma experiência maravilhosa, apresentar nossos poemas para pessoas que não conhecíamos, foi no primeiro momento um pouco diferente do que estamos acostumados a ver (pelo menos comigo) porque ao citar a poesia, eu podia sentir e de certa forma pegar a emoção deles e transformar numa obra, elas atentas aos nossos gestos, os olhares e lábios mexendo prendendo toda a atenção na nossa apresentação, não era somente uma citação de algum livro, era amor, paixão envolvida**, o grupo inteiro se dedicando ensaiando as falas, brincávamos e no meio disso surgia a ansiedade de fazer um papel bem feito, uma aparição que seja de tirar o fôlego, algo que quem estaria escutando e vendo se lembrasse sempre que citasse esse tema. Uma verdadeira Invasão Cultural e pra mim foi tudo novo, pintar o rosto, ir fundo nesse projeto, sabe!! Entrar mesmo nessa coisa nova foi algo bom, e que para sempre levarei como aprendizado em minha vida.

Aluno 05

Fonte: Autor, 2017

Depoimento 06 - Instituto Cecy Leite Costa – 2019

A Invasão Cultural, projeto criado pelo professor Laércio, foi um projeto visando levar a **cultura dos poemas para as salas de aulas, apresentando-os** para os alunos, foi também um projeto em que fiquei muito feliz por fazer parte, tendo em vista que houve muito aprendizado e trabalho em equipe. Começamos estudando os poemas, **trabalhando na fala e na expressão, e depois de muito treino começamos a visitar as salas de aulas, não só de nossa escola, mas também de outras, era gratificante ver a expressão de encanto de alguns estudantes enquanto prestigiavam nossa apresentação, e este será sem dúvida, um projeto sempre lembrado por quem participou. Lembro-me da emoção que senti ao dizer os poemas em frente aos demais, pois em muitos momentos, meus olhos ficaram banhados.**

Aluno 06

Fonte: Autor, 2019

Depoimento 07 – Instituto Cecy Leite Costa – 2019

Meu nome é Vitória Carolina. Tenho 16 anos e participar das **Invasões Culturais** foi a melhor coisa que o ensino médio me proporcionou. Eu tenho muito que agradecer ao professor Laércio por ter me dado essa oportunidade, de poder levar arte a juventude, e **encontrar a arte em mim**. Na primeira vez estávamos ansiosos, aflitos, envergonhados. Depois de ver o encanto nos olhos de cada um, a magia do momento em recitar poesias famosas e nos encontrarmos nos versos, tudo fluiu perfeitamente.

Não era algo forçado, e mesmo tendo um pouco de cansaço físico, nada superava os aplausos no final do espetáculo. A arte engloba tudo. Podemos sentir isso na pele. A amizade a florava, quando decorávamos o poema do colega, e assim ajudava-o a ensaiar um pouco antes. Quando olhávamos uns para os outros e dizíamos, “você está incrível!”.

Aluno 07

Fonte: Autor, 2019

4.1 A RELAÇÃO DE SENTIDO ESTABELECIDADA ENTRE FALANTE-LÍNGUA

Enquanto estudiosos da linguagem humana, vamos nos voltar aos sete depoimentos apresentados e nos deteremos nos dizeres mobilizados pela evocação da experiência do projeto, característicos dos discursos dos sete integrantes que vivenciaram a vocalização.

Nos depoimentos 01 e 02, anuncia-se a expectativa quanto à descoberta do poético, instigada pela relação percebida nos arranjos individuais de outras enunciações, aquelas advindas do professor: *“Quando chego no ensino médio, no primeiro ano, descubro que um professor de literatura gostava de declamar alguns poemas e/ou histórias”*. *“Tudo começou em 2016 com uma apresentação da Invasão Cultural em minha sala do 1º Ano de Ensino Médio, naquele momento que a arte adentrou minha sala eu soube que eu queria participar de alguma forma daquilo”*. Percebemos, nesses comentários, que a experiência de vocalização já começa a se constituir antes mesmo de os estudantes vivenciarem o papel de protagonistas no Projeto, ela vai se constituindo a partir dos dizeres de outros, que conhecem a metodologia do professor em seu trabalho relacionado com língua e literatura. Assim, os estudantes afirmam existir expectativa em participar do projeto, o que já aponta para um impacto positivo em relação a um trabalho com língua em ação. *“As aulas foram passando e a vontade de aprender, praticar e representar daquela forma só aumentava, “mas isso só foi ocorrer um ano depois”*. Percebemos que há certa ansiedade para que chegue o momento de serem introduzidos nesta experiência na e pela linguagem. Podemos perceber que aí já há uma mudança de postura em relação ao estudante e a língua. Porque, na maioria das vezes, o aluno não gosta muito de estudar a sua própria língua, coisa que aparece claramente de forma contrária no depoimento do aluno. Esse é um dos poderes da literatura: ela permite transformar história em histórias para serem contadas em palavras, neste caso podendo construir através da vocalização do texto poético uma experiência significativa através da linguagem, a partir da vocalização do texto poético escrito. Essa metodologia usada nas aulas de língua portuguesa, que é a vocalização, convoca a metalíngua, por isso o aluno vê o ensino de forma diferente. Nessa metodologia de ensino há uma transgressão metodológica que dá ao estudante o protagonismo.

Os depoimentos permitem afirmar que a experiência na linguagem evoca no outro sentimentos e emoções, como: riso, choro e, até mesmo, espanto, fica claro em que momento e como isso ocorreu no depoimento 01 e 02: *“em minha primeira aula na escola nova*

declamou "dezesesseis" (música de Renato Russo), confesso que ri na hora, pois achava tão engraçado e bonito ao mesmo tempo e cada vez que o professor chegava na sala e declamava algo, eu sempre agia da mesma forma", "naquele momento que a arte adentrou minha sala eu soube que eu queria participar de alguma forma daquilo"

Podemos perceber que no comentário dos estudantes já começam a aparecer alguns princípios fundamentais da enunciação, *"cada vez que o professor chegava na sala e declamava algo, eu sempre agia da mesma forma. As aulas foram passando e a vontade de aprender, praticar e representar daquela forma só aumentava"*, porque *"a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de apropriação"*, (BENVENISTE, 1989, p. 84), pois quando os alunos mencionam a vontade de vocalizar da mesma forma que o seu professor, há uma pré-disposição para a experiência. E isso só ocorreu porque a experiência do contato com a vocalização do professor fez evocar sentimentos de usar a linguagem de tal forma,

depreendemos que a relação com o outro, no seio de uma cultura, leva o locutor a emissões de cunho vocal, as quais mobilizam sentido, na acolhida por um outro que partilha de determinados valores culturais e que, portanto, se acha em condições de empreender esforços na busca do entendimento (DIEDRICH, 2015, p. 47).

Percebemos que no depoimento 01, quando o estudante se volta para o que estava acontecendo consigo mesmo, ele afirma que, através da evocação provocada pela recepção dos atos individuais, houve uma enunciação de retorno, *"confesso que ri na hora, pois achava tão engraçado e bonito ao mesmo tempo e cada vez que o professor chegava na sala e declamava algo, eu sempre agia da mesma forma"*, Isso aconteceu pela experiência na língua e por isso, *"pela língua o homem assimila a cultura, a perpetua e a transforma"* (BENVENISTE, 1991, p. 32). Assim entendemos que toda a enunciação está carregada de simbolismo, pois não há como negar que *"definitivamente o símbolo que prende esse elo vivo entre o homem, a língua e a cultura"* (BENVENISTE, 1991, p. 32). Assim entendemos que o sujeito é construído pela experiência na e pela linguagem.

Percebemos que, na enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, *"que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno"* (BENVENISTE, 1989, p. 83-84). Quando os estudantes em seus discursos evidenciam a vontade de participar do projeto, nesse momento, a língua apresenta-se como possibilidade, logo vem a participação no projeto que o introduz no emprego da língua. *"As aulas foram passando e a vontade de aprender, praticar e representar daquela*

forma só aumentava”. Observamos que há uma vontade de adentrar numa experiência significativa na e pela linguagem, até que isso não ocorreu, a língua era somente possibilidade.

Os princípios de enunciação apresentados por Benveniste se materializam no Projeto Invasão Cultural a partir do que percebemos no depoimento 02, pois nessa atmosfera de sociabilidade, a língua acontece no momento em que o estudante enuncia, instaurando sua posição de eu e evocando arranjos individuais. Ele estabelece uma inter-relação com um tu na presentificação do agora: *“a cada apresentação em escolas, teatros e palcos eu me apaixonava cada vez mais pela arte e pela liberdade que ela trazia consigo, e graças a ela eu pude perceber que poemas não foram feitos para se ler, mas sim para se vivenciar na pele cada letra, palavra e frase sua*”. Nessa atmosfera linguística, realiza-se a experiência significativa na e pela linguagem.

Acreditamos que a cada vez que o aluno se apropria da língua, vocalizando um texto poético escrito ele vive uma nova experiência de significância da linguagem, a cada momento (aqui e agora) que ele vocaliza as formas do discurso este se transforma em atualização de um novo discurso, pois segundo Benveniste (1989), é uma forma de semantização da língua, queremos mostrar que quando o aluno vocaliza esse escrito poético acaba estabelecendo novos sentidos:

[...] a *vocalização do escrito* ressignifica o discurso escrito, na medida em que retorna aos procedimentos de sintagmatização-semantização na transmutação de novos sentidos em vista da constituição de nova referência, visto que aquele que lê junta e separa unidades do que lê conforme o sentido que confere ao seu ato enunciativo de leitura (JUCHEM, 2017, p. 99).

A autora afirma ainda que no ato por meio do qual o locutor se apropria do escrito, ele passa a ser sujeito que renova o discurso, ou seja, “o locutor faz “novamente” a passagem a sujeito no ato de *vocalização do escrito*, evidenciando de que modo essa “certa relação” se renova no discurso”. Assim, temos a enunciação ligada à semantização da língua, aí aparece o grande princípio da *conversão da língua em discurso* :“é a semantização da língua que está no centro deste aspecto da enunciação, e ela conduz à teoria do signo e à análise da significância” (BENVENISTE, 1989, p.83). Na vocalização ocorre a conversão da língua num novo discurso.

No depoimento 3, podemos, pelo comentário do estudante quando diz: : *“Hoje a gente declama muito poesia, que na verdade eu acho que isso seria você entrar no sentimento de*

outras pessoas que escreveram poesia”, perceber os novos sentidos que a língua assume na experiência de vocalização. Não há como negar que essa apropriação deu novos sentidos para um discurso já existente. Segundo Silva (2016, p. 16), “o aluno, a cada nova experiência de uso da língua, ressignifica o fato”. Pois “a cada ato de enunciação (de escrita, de leitura, de oralidade e de escuta), o homem se papara com a transformação do domínio da língua em domínio de discurso para produzir novos sentidos às formas das quais se apropria”, (SILVA, 2016, p.17). Isso pode ser constatado no dizer do aluno 03, no depoimento 03 diz com: *“É algo incrível porque a gente recebe as sensações que a gente nunca ia sentir. Sentimento também através do autor que escreve esses sentimentos”*.

Sem dúvida, o caminho que percorremos denota um interesse pelo locutor, pois através do Projeto introduzimos, oportunizamos que haja a passagem através da experiência de vocalização na e pela linguagem a sujeito, não há locutor que se aproprie da língua nessa experiência sem levar junto a sua historicidade, constituída na vivência de enunciações históricas. Entendemos que neste processo de vocalização em que o estudante se apropria do texto poético escrito estabelece-se uma relação falante-língua carregada de significação, pois adentramos na seara do ensino de língua materna, uma vez que estamos trabalhando com a tríade: língua-literatura-escola. Nessa relação, o professor e o aluno assumem espaço central no processo, e isso muda consideravelmente a relação que o estudante tem com a língua ou com o ensino de língua. É isso que se percebe nos depoimentos 02 e 03, respectivamente: *“eu me apaixonava cada vez mais pela arte e pela liberdade que ela trazia consigo, e graças a ela eu pude perceber que poemas não foram feitos para se ler, mas sim para se vivenciar na pele cada letra, palavra e frase sua”*. *“É algo incrível porque a gente recebe as sensações que a gente nunca ia sentir”*. Sabemos que para um aluno mencionar isso em relação ao ensino é porque realmente essa experiência foi significativa para ele, e, por consequência, mudou a ideia de possibilidades de ensino da língua.

Por que isso ocorre? No ato de vocalização do texto poético escrito, o locutor se apropria do escrito e assume, via arranjos vocais particulares, o papel de sujeito, efetuando-se, assim, a *re-novação* do discurso. Nesse ato de apropriação, o locutor, via arranjos vocais particulares, ocupa seu espaço de dizer e implanta o outro diante de si. Essa relação do falante-língua revela a atualização da significação e suscita, ao lado de uma estrutura material, uma estrutura imaterial, a comunicação de significados, substituindo os acontecimentos ou as experiências pela sua *evocação*.

No depoimento 04, o aluno afirma: “*Como eu sempre falei, as aulas dele me lembram o filme "Sociedade dos poetas mortos", por serem aulas dinâmicas, divertidas e que inspiram, fazem despertar o talento que cada um tem dentro de si. São aulas que podemos cantar, dançar, recitar poemas, atuar...*” Nesse comentário, podemos perceber que o Aluno 04 se entregou para uma experiência significativa que mudou o olhar que tinha entre língua-falante e sua relação no contexto de ensino. Essa visão só se tornou possível através dessa experiência. Por isso, ousamos afirmar que o projeto ajuda os alunos participantes para que eles se expressem melhor, mesmo depois que saem da escola, lembrando o que afirma Silva (2016, p. 18): “O aluno produz uma história de suas enunciações, por meio da qual continua a se construir em sua língua materna e no sistema de representações de sua cultura, estabelecendo-se, desse modo, como sujeito de/na linguagem”. O projeto, assim, oferece aos alunos uma experiência de constituição de sujeito através de suas enunciações marcadas pela vocalização do texto poético.

Percebemos que podemos, nas aulas de língua, refletir sobre a língua como condição essencial para o contato com o mundo, não apenas resumindo-se no âmbito da sala de aula, que dessa forma, é muito pouco pela grandeza do trabalho que se é possível desenvolver e nos remete a uma preocupação bem maior do que gulodice fanática pelos exames futuros: “vestibulinhos” e vestibulares devemos permitir na sala de aula que o estudante, apropriado da língua, através do texto poético escrito, assuma a transformação a sujeito aproveitando que na escola há um terreno propício para a relação dialética da subjetividade e tomar as aulas da língua materna para desenvolver um trabalho linguístico que ultrapasse os níveis da decoreba e para que o aluno viva realmente uma experiência significativa na linguagem, assim, ele se sentirá motivado a entender como de fato a língua funciona.

Mas, infelizmente, ainda hoje, em nossas escolas, há o reinado do silêncio nas aulas de Português, onde se “estuda” a Língua, mas a língua deve ficar quieta, guardada na boca, na caixinha de segredos. Por outro lado, tantos segredos que os alunos e professores poderiam desvendar. Aqui, estamos apresentando possibilidade de um trabalho contrário do que falamos no início desse parágrafo, essa atividade desenvolvida, há muitos anos, e que dá um resultado positivo em termos de interesse pelo estudo da língua e a sua poética, propõe um olhar diferenciado para o ensino, começando pela biblioteca. Ela pode ser um lugar vivo, onde os alunos escolhem o livro que quiser, cantam e falam texto em voz alta. Será possível quebrar paradigmas enraizados de que a biblioteca é um lugar intocável e inacessível? A biblioteca pode servir como um lugar para sensibilização e a fruição para a aprendizagem da língua

materna. O Projeto Invasão Cultural começa na biblioteca, onde se encontram os textos poéticos escritos.

É nesse momento que percebemos que, através da experiência vivida, o encantamento pela língua acontece, a *evocação* se manifesta, momento em que a arte toca a alma de cada um, por meio da vocalização do texto poético escrito. E como mensurar essa expressão?: “a arte toca a alma de cada um”? Reportamo-nos ao que diz Diedrich (2015), que essa arte (texto poético escrito) vocalizada é movida por *arranjos individuais*, que é a manifestação do aspecto vocal da enunciação, e a partir de Benveniste ela faz um deslocamento sobre o aspecto imaterial, isso é o que evoca, que provoca, que revela uma relação metonímica, que evoca no outro sentimentos, emoções, que não tem como saber o certo, pois em alguns provoca o choro ou o riso, ou até mesmo o espanto, isso é inapreensível. Assim, na relação do *eu e tu* é que a *experiência do sujeito* é revelada na enunciação. Isso tudo porque a vocalização do texto poético é assumida como metodologia de ensino. Essa *evocação*, da qual falamos, está vinculada à experiência do sujeito na e com a linguagem, e quando falamos em experiência, ela existe porque há linguagem, produzida por um homem sujeito. E não há como existir sujeito a partir da linguagem sem que haja uma relação do homem com o homem e com o mundo, porque (BENVENSITE, 2005, p. 285) estabelece que *um homem falando com um homem no mundo*, que por consequência, a experiência dessa relação nasce a história do sujeito. Dessa forma, é sempre uma troca que ocorre entre o falante e seu parceiro que resulta numa experiência humana através da linguagem, porque é somente graças ao outro que construímos experiências. Portanto, só existe enunciação se a experiência vivida na e com a linguagem permita que o locutor assuma o papel de sujeito no aqui e agora.

Na sequência, passamos a focalizar a segunda relação que nos guia nesta análise.

4.2 FALANTE-LÍNGUA NA MANIFESTAÇÃO POÉTICA

Nesta seção, apresentaremos a relação entre o falante(estudante)-língua na manifestação poética. Diedrich (2020), com base em Benveniste (2014), afirma que a poética se cumpre no dizer do falante na experiência através da linguagem com o outro por meio de arranjos vocais, porque o poético não preexiste, ele se constitui no dizer, pois é enunciativo. Esse dizer é constituído na evocação. Isso se torna fundamental para que possamos analisar o depoimento dos estudantes. Ainda em Diedrich (2015), observamos que, a partir dos estudos

enunciativos benvenistianos, a autora salienta que a materialização da poética implica refletirmos acerca do imaterial da língua, parte invisível, parte imensurável, mas que se configura nos arranjos vocais integralizadores das formas e funções: “destacar *emissão* e *percepção*, o que coloca novamente no centro de sua discussão a intersubjetividade e a comunicação de significados evocada pela emissão vocal do locutor em relação ao outro e, principalmente, o fato de se tornar acessível à experiência de um falante a outro” (DIEDRICH, 2015, p. 43). A poética se constitui nessa experiência do falante com o outro.

No comentário 05, percebermos essa relação que se dá entre o falante-língua na manifestação poética. O aluno fala do *diferente* e nós entendemos que esta palavra está relacionada à metodologia que insere o estudante na e pela linguagem, podemos até dizer que há uma dupla subversão: 1º) porque o poético já traz arranjos subversivos em comparação à linguagem cotidiana. 2º) a subversão existe pelo fato de ser uma invasão como modo de estar na língua e esse ato ocorre de forma inesperada exercendo um ato enunciativo que desfaz certas fronteiras. Inferimos que é a essa dupla realidade que o aluno se refere. “*foi uma experiência maravilhosa, apresentar nossos poemas para pessoas que não conhecíamos*”, observamos a presença do outro para a efetivação enunciativa, é o momento em que o outro é instaurado na enunciação. “*foi no primeiro momento um pouco diferente do que estamos acostumados a ver (pelo menos comigo) porque ao citar a poesia, eu podia sentir e de certa forma pegar a emoção deles*”. Nesse ponto do Depoimento 05, o falante comenta a manifestação poética e se efetiva o que Benveniste(1989, p. 83-84) diz: “a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno”. Por isso, podemos dizer que o próprio falante na vocalização torna-se “invasor” e “invadido”: “*elas atentas aos nossos gestos, os olhares e lábios mexendo prendendo toda a atenção na nossa apresentação, não era somente uma citação de algum livro, era amor, paixão envolvida*”. O locutor-alocutário instituído na manifestação poética representa a intersubjetividade, pois “vê essas funções desempenharem seu papel de unir existências humanas, na relação *eu-tu*, o que, para nós, coloca em evidência a noção de *emissão* e *recepção*” (DIEDRICH, 2015, p. 40). É na relação eu-tu que se encontra imbricada a cultura, definindo a relação do homem com outro homem na e pela linguagem: “Chamo cultura ao meio humano, tudo o que, do outro lado do cumprimento das funções biológicas, dá à vida e à atividade humanas forma, sentido e conteúdo. A cultura é inerente à sociedade dos homens, qualquer que seja o nível de civilização” (BENVENISTE, 1991, p. 31-32). Assim, entendemos a cultura como algo constitutivo da relação *eu-tu*. E isso

é vivenciado pelo homem através da experiência na linguagem, porque “entre o homem, a língua e a cultura há um vínculo que se mantém no simbolismo articulador entre essas entidades”, conforme afirma Diedrich (2015, p. 24) com base nos estudos benvenistianos. Assim, quando esse simbolismo é acionado tanto no eu (falante) quanto no tu (ouvinte), há condições para o poético se manifestar. Isso fica claro no depoimento 05: “*porque ao citar a poesia, eu podia sentir e de certa forma pegar a emoção deles*”. Aqui também se verificou o princípio enunciativo de irreversibilidade está presente na manifestação poética no ato da vocalização.

Percebemos, a partir da análise dos depoimentos, que realmente Linguística e Poética constituem uma essência só, pois a função poética “não pode ser estudada de maneira proveitosa desvinculada dos problemas gerais da linguagem”(JAKOBSON, 2007, p. 127). O pensamento de Jakobson (2007) está ligado ao que podemos perceber nos depoimentos dos estudantes: que o Projeto cumpre seu papel linguístico e poético, havendo uma fusão, porque a manifestação poética é a efetivação da linguagem, numa experiência translinguística.

Entendemos a partir de Jakobson (2007), que a poética não pode ser resumida a poesia, pois é um equívoco pensar que a poética é sinônimo de poesia. “A função poética não é a única função da arte verbal, mas tão somente a função dominante” (JAKOBSON, 2007, p.127). A poética traz uma proximidade com a arte, na vocalização do texto. Ela torna-se constitutivo no ato enunciativo. A linguística não se limita a poesia, porque linguística e poética constituem a transcendência da linguagem, que passa pelo caráter material dos signos e chegando ao imaterial que evoca os sentimentos.

Também no depoimento 06 há revelações desta vivência do simbolismo poético: “*era gratificante ver a expressão de encanto de alguns estudantes enquanto prestigiavam nossa apresentação*”. O Aluno 06 segue afirmando sobre a importância do projeto numa experiência significativa, “*será sem dúvida, um projeto sempre lembrado por quem participou. Lembrou-me da emoção que senti ao dizer os poemas em frente aos demais, pois em muitos momentos, meus olhos ficaram banhados*”. Com esse comentário, aparece o translinguístico a que Benveniste (1989, p. 67) se refere como a ultrapassagem da relação da estrutura e o funcionamento da língua, que se daria através da elaboração da análise dos textos, construída sobre a semântica da enunciação. Diedrich, (2015, p.72-73) vê “o prefixo “trans” como veiculador do sentido de “através”: através da Linguística, chegamos à análise de realidades tradicionalmente concebidas como exteriores ao universo de estudos linguísticos”. Isso tudo está ligado à manifestação da linguagem poética presente no simbolismo da língua e isso é a

constituição da materialidade que se dá através de elementos vocais e pela imaterialidade evocada pelo ouvinte, mas também pelo falante. A partir dos depoimentos (comentários-dizeres) do falante, há a construção da experiência humana, através da vocalização do texto poético escrito, na enunciação de novos discursos reveladores de tal experiência do homem na linguagem, mostrada. *“Lembro-me da emoção que senti ao dizer os poemas em frente aos demais, pois em muitos momentos, meus olhos ficaram banhados”*. Fica claro que a poética não se resume a poesia, mas a algo que transcende, ela vai além da poesia, pois a ela permeia todas as funções da linguagem, compreendendo todas as atividades que a arte possibilita. Ela funciona como um acessório constituinte de todas as funções linguísticas: emotiva, poética, referencial, fática, metalinguística e conativa. Conforme observado no depoimento 06: *“estudando os poemas, trabalhando na fala e na expressão”*. Podemos dizer que a poética é parte da linguística. Qualquer tentativa de separação delas não constitui linguagem. E é na manifestação do falante que a poética se materializa. Isso ultrapassa o caráter dos signos e chega ao imaterial da linguagem, o qual evoca os sentimentos. *“Lembro-me da emoção que senti ao dizer os poemas em frente aos demais, pois em muitos momentos, meus olhos ficaram banhados”*.

A experiência na linguagem traz a significação, pois é nela e por ela que o sujeito se reconhece. Uma poética está ligada à experiência humana na linguagem, como ato individual, tendo a atividade linguística como eixo central. A poética permeou nossa investigação da língua na enunciação, pois acreditamos que realmente o poético, a vocalização do poético está ligada a *evocação* usada por Benveniste (1991) e é nessa *evocação*, que paira o princípio do *imaterial da língua*, que, tal uma relação de metonímia, evoca diferentes sentimentos e emoções, causando choro, riso e, até mesmo, espanto; isso é o inapreensível, isso é o poético.

A evocação que ocorre no simbolismo da manifestação poética não é só de quem recebe os sons, mas de quem emite, por isso temos usado os termos “invasor” e “invadido”, *“elas (pessoas) atentas aos nossos gestos, os olhares e lábios mexendo prendendo toda a atenção na nossa apresentação, não era somente uma citação de algum livro, era amor, paixão envolvida”*, conforme atesta o comentário no depoimento 05.

Quando o Aluno 07 fala: *“encontrar a arte em mim”*, ele nos leva a questionar: o que seria *encontrar a arte em mim?* “[...] numerosos traços poéticos pertencem não apenas à ciência da linguagem, mas a toda a teoria dos signos, à Semiótica geral. [...] é válida tanto a arte verbal como para todas as variedades de linguagem” (JAKOBSON, 2007, p.118). Assim, *“encontrar a arte em mim”* nos remete ao que diz o autor, pois se a poética está na linguística

é pela linguagem que o poético se faz perceber. Por isso acreditamos que é através de um projeto de vocalização que ela é acionada.

4.3 RELAÇÃO FALANTE-OUTRO

Chegamos à última categoria de análise proposta nesta investigação: falante-outro. Temos consciência de que essas categorias que escolhemos se contemplam e se cruzam, pois apenas separamos para melhor enfatizar pontos da enunciação, mas sabemos que elas acontecem de formas simultâneas, pois acreditamos que assim ocorre a enunciação visto que “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1989, p. 82). E é o que temos percebido no exercício do Projeto Invasão Cultural, que acontece através da vocalização do texto poético. Isso aparece claramente nos depoimentos (comentários-dizeres) dos alunos. Pois “na enunciação consideraremos, sucessivamente, o próprio ato, as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização” (BENVENISTE, 1989, p. 83). Esse ato individual de cada estudante ao se apropriar da língua mostra que há uma semelhança no momento dessa apropriação, porém cada sujeito manifesta de uma forma, porque a experiência significativa é única. Para tanto, Benveniste diz mais: “o ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação”, e, nesse sentido, lembramos o autor quando afirma, “antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno” (BENVENISTE, 1989, p. 83-84). Para nós, a frase: “emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte” constrói a análise da relação falante-outro faz todo o sentido, pois no momento da enunciação se institui o eu-tu. Por isso, a enunciação é o locutor apropriando-se da língua e passando-se a sujeito na relação com o outro, pois para termos sons emitidos eles precisam se dirigir a outro que os escuta/percebe.

No depoimento 06: *“Depois de ver o encanto nos olhos de cada um, a magia do momento em recitar poesias famosas e nos encontrarmos nos versos, tudo fluiu perfeitamente”*, percebemos a materialização da categoria de pessoa no discurso.

Essa relação remete a inter-relação de um eu e um tu para que a enunciação aconteça. “Eu designa aquele que fala e implica ao mesmo tempo um enunciado sobre o “eu”: dizendo eu, não posso deixar de chamar de mim” (BENVENISTE, 1991, 250). Se considerarmos um eu na enunciação, ao mesmo tempo, consideramos a irreversibilidade, por meio da qual aparece um tu. O “tu é necessariamente designado por *eu* e não pode ser pensado fora de uma situação proposta a partir do ‘eu’; e, ao mesmo tempo, *eu* enuncia algo como predicado um predicado de ‘tu’” (BENVENISTE, 1991, p. 250). Benveniste nos autoriza a afirmar que não existe enunciação sem que se estabeleça essa relação. Essa realidade se marca no depoimento 05: “*porque ao citar a poesia, eu podia sentir e de certa forma pegar a emoção deles e transformar numa obra, elas atentas aos nossos gestos, os olhares e lábios mexendo prendendo toda a atenção na nossa apresentação...*”. Percebemos, no comentário do aluno 05, que é nesse momento que se instaura diante de um eu o tu. “*...era gratificante ver a expressão de encanto de alguns estudantes enquanto prestigiavam nossa apresentação...*”. “o pronome *eu* aparece num enunciado, evocando – explicitamente ou não – o pronome *tu* para se opor conjuntamente a *ele*, uma experiência humana se instaura de novo e revela o instrumento linguístico que a funda” (BENVENISTE, 1989, p. 69). A essência dos princípios de Benveniste é que dá importância ao outro, instituído como peça-chave para enunciação, pois sem o outro fica claro que não há enunciação, tampouco, haverá experiência humana. Não é por acaso que Benveniste termina o texto *A linguagem e a experiência humana*, frisando que, para isso, inevitavelmente a intersubjetividade ocorre e “reflete na língua a experiência de uma relação primordial, constante, indefinitivamente reversível, entre o falante e seu parceiro” (BENVENISTE, 1989, p. 80). Assim, nesse ato individual de cada estudante na vocalização do texto poético escrito, percebemos que ocorre a relação significativa do falante-outro que fala/emite/ouve/percebe, pois há um locutor que apropriado da língua emite em sua enunciação/vocalização.

Afirmamos, com base nos estudos benvenistianos, que essas categorias se cruzam e ocorrem simultaneamente porque elas configuram os princípios da enunciação. É na relação falante-língua, falante-língua na manifestação poética, falante-outro que a experiência de vocalização do texto poético se concretiza e se constitui como experiência de significação no ensino de língua.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao final de nossa investigação, com novos conhecimentos construídos ao longo dos fatos investigativos. O papel do aspecto vocal da enunciação numa experiência de vocalização do texto poético escrito no Projeto Invasão Cultural nos permitiu levantar alguns questionamentos para os quais buscamos, na análise dos depoimentos dos estudantes, as respostas possíveis.

Percorremos um longo caminho para chegarmos neste estágio de nossa investigação. Amparamo-nos à luz de princípios benvenistianos, inicialmente para definir o aspecto vocal como um dos aspectos da enunciação. Apoiamo-nos no suporte teórico de Diedrich (2015), que definiu o aspecto vocal como arranjo organizador/integralizador do discurso implicado na *emissão* e na *recepção* dos elementos vocais da língua em atos individuais. Avançamos um pouco mais e deslocamos o aspecto vocal e chegamos à conceituação de vocalização, ancorados em Juchem (2017), o que nos permitiu voltar nosso olhar autoral na busca do que entendemos como vocalização do texto poético em nosso trabalho. Isso só foi possível porque assumimos um ponto de vista enunciativo, o qual deriva da leitura que fazemos da teoria benvenistiana. Assim, a relação entre *vocal* e *enunciação* permitiu-nos considerar o termo *vocalização* como mais próximo da perspectiva teórica assumida neste estudo que se volta para a vocalização do texto poético escrito, através de uma experiência na e pela linguagem no Projeto Invasão Cultural.

Além disso, mobilizamos o conceito de poética, para o que nos apoiamos nas reflexões de Jakobson (2007) e Benveniste (2014), no sentido de uma transcendência da própria poesia, acreditando que linguística e poética andam juntas. E, o mais importante, a reafirmação de que a poética não preexiste, ela se constitui no momento da enunciação, porque ela se materializa no momento do dizer do falante.

No princípio, nos propomos a realizar uma pesquisa-ação tendo como base o Projeto Invasão Cultural, porém, durante o processo, fomos surpreendidos com uma pandemia que nos obrigou a mudarmos um pouco o nosso foco, o que nos levou a olhar para os dados já coletados em anos anteriores, de 2015 a 2019, com alunos das três maiores escolas estaduais de Passo Fundo: Escola Estadual de Educação Básica Nicolau de Araújo Vergueiro, Colégio Estadual Joaquim Fagundes dos Reis e Instituto Estadual Cecy Leite Costa, focando em sete depoimentos de sete alunos do Segundo Ano do Ensino Médio. Nesse sentido, foi fundamental o processo histórico construído ao longo de anos na educação pública, o que dá

destaque à constituição do professor-pesquisador marcado por um trabalho com língua e literatura. Tornou-se possível acessar a experiência de vocalização dos estudantes como fatos enunciativos através dos depoimentos já coletados. Para tanto, foi fundamental analisar os comentários dos estudantes em três categorias: falante-língua, falante-língua na manifestação poética, falante-outro. A análise realizada aponta para os seguintes resultados:

a) relação falante-língua: como professor-pesquisador que há muitos anos realiza o Projeto Invasão Cultural, fica claro para nós que, nesse processo de vocalização, os comentários dos alunos permitiram uma análise enunciativa nos limites da relação entre linguística, literatura e ensino. Os dizeres dos sete estudantes, das três escolas, permitiu a percepção de discursos que foram mobilizados pela evocação da experiência de significação do projeto. Com isso, encontramos pistas às respostas relacionadas ao imaterial da língua. Notamos que a relação falante-língua ocorre instigado por meio de arranjos individuais de quem conduz o projeto, neste caso, o próprio professor-pesquisador. Evidenciou-se nos comentários dos alunos a descoberta para o poético, instigada pela relação percebida nos arranjos individuais do professor, em diferentes locais e anos. Essa relação falante-língua é visível quando os alunos demonstram uma pré-disposição para estarem na experiência linguística. Em muitas situações, motivados pela concepção de ensino de língua que marca o trabalho do professor e que o leva a apresentar uma metodologia diferente no trabalho relacionado com língua e literatura. Notamos nos comentários dos estudantes que é devido a esse impacto positivo em relação a um trabalho com língua que se verifica a pré-disposição para participar da experiência do projeto. Assim, há uma mudança de postura favorável em relação ao aluno e o trabalho com a língua, porque na maioria das vezes o aluno não gosta de estudar a sua própria língua. A singularidade desta motivação se deve à vivência de uma experiência significativa e positiva na e pela linguagem que o Projeto Invasão Cultural proporcionou através da vocalização do texto poético.

Na experiência retratada nos comentários, é possível perceber que o locutor se apropria da língua motivado pela evocação de sentimentos na vivência na linguagem, o que envolve sempre uma a experiência diante de um outro. O aluno participante do projeto, ao ouvir seu professor, fez mobilizar sentidos marcados por valores culturais. Isso aconteceu pela experiência na língua. Assim entendemos que o sujeito é construído pela experiência na e pela linguagem. Os princípios de enunciação apresentados por Benveniste (1989) se materializam no Projeto Invasão Cultural, pois nessa atmosfera de sociabilidade a língua acontece no momento em que o estudante se enuncia através de um eu evocando arranjos individuais e

estabelece uma inter-relação com um tu na presentificação do agora. Com isso, entendemos que a vocalização do texto poético escrito é um meio pelo qual se chega à enunciação, através da apropriação da língua, atualização, sintagmatização e semantização.

Na vocalização do texto poético escrito, há a apropriação de novos sentidos para um discurso já existente. A resignificação ocorre porque entendemos neste Projeto que cada apresentação se transforma em um discurso novo e único. Entendemos que através da vocalização o estudante se apropria do texto poético escrito, uma relação falante-língua carregada de significação, pois adentramos na seara do ensino de língua materna.

b) *falante-língua na manifestação poética*: a pesquisa mostrou que o poético não preexiste, ele se constitui no dizer, pois isso está na enunciação. Observamos a partir dos estudos enunciativos que manifestação poética se liga ao imaterial da língua, parte invisível, parte imensurável, mas que se configura nos arranjos vocais integralizadores. Por isso, a poética se constitui quando o estudante vive a experiência linguística.

Percebemos, ao longo da investigação, que a manifestação poética suscita a irreversibilidade, assim, podemos dizer que o próprio falante na vocalização torna-se “invasor” e “invadido”. Observamos no percurso da investigação que Linguística e Poética constituem uma essência só e o Projeto cumpre seu papel de efetivação da linguagem, numa experiência de translíngua. A poética está ligada à experiência humana na linguagem, como ato individual.

c) *falante-outro*: A pesquisa mostrou que na experiência de vocalização do poético não se institui o eu e o tu. Por isso, a enunciação é o homem se fazendo sujeito, na relação com o outro, pois para termos sons emitidos eles precisam se dirigir a outro que os escuta/percebe.

Acreditamos que a singularidade da enunciação o locutor manifestada no aspecto vocal da enunciação está relacionada, no Projeto Invasão Cultural, ao modo como cada locutor apropria-se de língua perante uma atmosfera social. E, para isso, nos detivemos nos depoimentos dos estudantes, acessando os comentários. No entanto, sabemos que se trata de um recorte necessário para os fins da pesquisa, pois acreditamos que a experiência de vocalização do texto poético por completo é inapreensível e se dá a conhecer por meio de formas específicas de se estar na língua: o falante nessa atividade mobiliza outros elementos constitutivos da linguagem que são gestos produzidos, cenários, vestimentas, públicos, adereços (pintura no rosto, tecidos, flores), movimentos do corpo, da sobrancelha, expressão facial, entre outros. Todos esses elementos são indissociáveis do ato de vocalização e permitem uma sincronização linguística que compõe a atmosfera social contemplado.

Não obstante, poderíamos também explorar as quatro camadas enunciativas de comentários possíveis a partir da análise da experiência de vocalização: 1^a) o leitor que vocaliza; 2^a) o professor-pesquisador da educação básica que introduz a vocalização (como é toda a preparação); 3^a) daquele que, de fato, será invadido (aquele que sofreu os efeitos da vocalização); e 4^a) de quem prepara a vocalização. Porém temos a convicção de que a realização de uma pesquisa de mestrado não permite explorarmos todos esses elementos, assim fica como sugestão para continuidade do estudo. Registramos que entramos em contato com outras teorias que ampliariam e enriqueceriam ainda mais este estudo sobre vocalização do texto poético, porém elas abrem a possibilidade de outros e novos trabalhos, por essa razão, nos voltamos a ela nesta dissertação. Exemplo disso foi o contato com Zumthor (2010), autor que traz a abordagem do ouvinte, do intérprete, da voz repercutida e da presença do corpo, porém para isso, necessitaríamos abrir um capítulo trazendo os princípios e desse autor e relacionar as semelhanças e diferenças com os princípios de Benveniste. Dessa forma, ficamos abertos para contemplar essas questões em estudos futuros, que permitirão expandir o trabalho.

Através do recorte que nos propusemos desenvolver partindo do objetivo que nos norteou nessa investigação, refletir, a partir da análise dos dizeres dos estudantes protagonistas do ato enunciativo sobre a experiência de vocalização do texto poético vivenciada no Projeto Invasão Cultural, uma experiência de ensino de língua, podemos afirmar que na sua totalidade ele foi efetivado. A análise dos depoimentos dos estudantes protagonistas do Projeto, via comentários acerca da experiência vivenciada, permitiu percebermos a intrínseca relação entre língua, literatura e ensino. E isso se deve à experiência de significação na e pela linguagem. A enunciação está no ato de vocalização, pois através do texto poético o locutor apropria-se da língua por meio de arranjos individuais e passa a sujeito instaurado por um eu e um tu, no aqui e agora.

Tínhamos elencadas quatro hipóteses e para cada hipótese um objetivo específico no início dessa investigação. Percebemos que as respostas encontradas nos permitem, à luz do estudo dos princípios de Benveniste, uma certa comprovação: a) a sensibilização para a vivência do texto poético se dá por via da emissão e percepção vocal na enunciação; b) o locutor, ao se apropriar do texto poético escrito, faz a passagem de locutor a sujeito no ato da vocalização e isso constitui uma experiência de vocalização do poético; c) o estudante protagonista desta experiência revela em seu dizer um saber constituído acerca da sua própria experiência na e pela linguagem, o qual revela relações entre o eu e a língua, o eu e a

manifestação poética da língua, o eu e o tu; d) novos caminhos de trabalho com o ensino de língua aparecem através da proposta de vocalização do texto poético num encontro da prática docente e a pesquisa à luz de pressupostos enunciativos benvenistianos.

Assim, os objetivos específicos também foram atingidos:

- a) por meio da análise dos comentários dos estudantes protagonistas, percebemos que a língua como um todo concorre para a sensibilização da vivência do texto poético via emissão e percepção enunciativa;
- b) a passagem de locutor a sujeito da enunciação no ato de apropriação do texto poético escrito por meio da vocalização deste texto se revela uma experiência de significação na linguagem, marcada pela subjetividade;
- c) o discurso do estudante protagonista do ato de vocalização do texto poético se marca pelos comentários acerca da experiência vivida, permitindo sua evocação;
- d) a pesquisa aponta novos caminhos de trabalhos com o ensino de língua a partir da vocalização do texto poético num encontro da prática docente e a pesquisa à luz de pressupostos enunciativos benvenistianos.

Por fim, deixamos registrada nossa certeza de que, no processo de vocalização em que o estudante se apropria do texto poético escrito, o professor e o aluno assumem espaço central no processo, e isso muda consideravelmente a relação que o estudante tem com a língua ou com o ensino de língua. Isso só é possível graças a uma concepção de língua e linguagem atrelada a uma metodologia que, considerando língua e poética como realidades constitutivas, conseguiu não só despertar interesse dos estudantes, mas propiciar uma experiência de significação que se marca no discurso do falante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Campinas, SP: Pontes, 1991.

_____. **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

DIEDRICH, Marlete Sandra. **Aquisição da linguagem**: o aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem. 2015. 148f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

_____. **A criança e sua relação com a interdição**: a mobilização de arranjos discursivos particulares. *Revista Desenredo*, 2018, Passo Fundo, v. 14, n. 3.

_____. **O poético que se instaura no vocal**: a experiência da criança na linguagem. *Revista Desenredo*, 2020, Passo Fundo, v.16, n. 1, p. 114-126, jan./abr. 2020.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

_____. *A enunciação escrita* em Benveniste: notas para uma precisão conceitual. **Delta** vol.34 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445041033947774307>. Acesso em: 26/08/2019.

_____. O falante como etnógrafo da própria língua: uma antropologia da enunciação. **Revista Eletrônica Pucrs**. Vol.50, n. supl (2015): PPGL em diálogo – 45 anos Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/23144>. Acesso em: 02/05/2020.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2007.

JUCHEM, Aline. **Por um saber sobre a escrita na interdependência entre atos enunciativos na universidade**: a (re)escrita em voz alta. 2017. 207f. Tese (Doutorado em Estudos da linguagem) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

MILANO, Luiza Ely. O sertão em voz alta. **Signo**, Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 74, p. 76-83, maio/ago. 2017. Disponível em: <Http://online.unisc.br/seer/index.php/signo>

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SILVA, Carmem Luci da Costa. A conversão da língua em discurso: enunciar para significar. *Antares*, Porto Alegre, vol. 8, nº 15 – Jan/jun. 2016. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/166218/001046338.pdf?sequence=1>.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**; tradução de Jerusa Pires Ferreira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.